

**TRANSlation:**  
**A Tradução de Conteúdo LGBTI para o Português Europeu**

**Alexandre Miguel Costa Dias**

**Trabalho de Projeto de Mestrado em Tradução**  
**Especialização em Inglês**

**Julho de 2020**

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução - Especialização em Inglês, realizado sob a orientação científica da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Zulmira Bandarra de Sousa Veríssimo Castanheira (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa).

I will be gay, if the gay are burned  
I'll be Africa, if Africa is shut down  
I will be poor, if the poor are humiliated  
And I'll be a child, if the children are exploited

Madonna (2019), Killers Who Are Partying, *Madame X*

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha mãe, à minha irmã e à minha tia Isabel, três das mulheres mais importantes da minha vida, as pessoas mais fortes que conheço. Obrigado pela motivação e coragem.

Devo também um imenso agradecimento à Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Zulmira Castanheira, não só por me ter acolhido enquanto orientando, mas também por todo o interesse, dedicação e disponibilidade, os quais foram uma parte capital na elaboração deste projeto. Agradeço profundamente o entusiasmo pelo meu trabalho e a prestabilidade nos tempos de dúvida.

Quero ainda agradecer a todos os amigos que me apoiaram neste processo e me encorajaram incansavelmente. Obrigado por me assegurarem de que a minha voz pode, deve e vai ser ouvida, mesmo quando a achei insignificante. Obrigado por me lembrarem de que posso incentivar e impulsionar a mudança que gostaria de ver no mundo. Obrigado Brandy, Kristina, Bia, Margarida, David, João, Vince, Tomás, Xini e Brooke pelo apoio persistente que me foi tão valioso na criação de algo de que me posso orgulhar verdadeiramente.

Por fim, um enorme agradecimento à comunidade LGBTI. Aos que vieram e aos que virão, obrigado pela luta por um mundo mais bondoso e acolhedor. Obrigado pela coragem de olhar nos olhos do medo e gritar com orgulho.

## Resumo

O presente trabalho de projeto tem como objetivo aplicar os conhecimentos e competências adquiridos durante o Mestrado em Tradução, na Área de Especialização de Inglês, à satisfação de um fim social. Através de uma proposta de tradução comentada de cinco capítulos da obra *TRANS: Exploring Gender Identity and Gender Dysphoria* (2018) de Az Hakeem, visa-se estudar a tradução de conteúdo LGBTI para o português europeu, tópico este ainda não muito abordado em Portugal. Devido ao conteúdo do texto, apontam-se as especificidades da tradução técnico-científica. Ademais, e de modo a enquadrar as dinâmicas deste trabalho de projeto, apresenta-se uma panorâmica da realidade LGBTI em Portugal e no mundo, para que seja possível compreender melhor a importância da tradução de conteúdo referente à mesma.

**Palavras-chave:** LGBTI, *trans*, tradução, texto técnico-científica, Estudos da Tradução

## Abstract

The goal of this Project is to apply the knowledge and skills acquired during the Masters in Translation (English - Portuguese) to the fulfilment of a social purpose. Through a commented translation proposal of five chapters of the work *TRANS: Exploring Gender Identity and Gender Dysphoria* (2018) by Az Hakeem, the aim is to study a translation of LGBTI content into European Portuguese, a topic that is still not much discussed in Portugal. Due to the subject matter of the text, the focus is on the specificities of scientific and technical translation. Furthermore, an overview of the LGBTI reality in Portugal and across the world is presented in order to frame the dynamics of this project and enable a better understanding of the importance of translating this type of content.

**Keywords:** LGBTI, *trans*, translation, technical and scientific text, Translation Studies

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Autor e Obra.....	3
3. A Tradução Técnico-Científica.....	5
4. A realidade LGBTI em Portugal e no mundo .....	8
5. Tradução da Secção 1 da obra TRANS: Exploring Gender Identity and Gender Dysphoria de Az Hakeem.....	10
6. Análise Crítica da Tradução.....	41
7. Considerações Finais.....	49
8. Bibliografia.....	51
9. Anexos.....	57

Anexo 1: Secção 1 da obra *Trans: exploring gender identity and gender dysphoria* (2018) de Az Hakeem

Anexo 2: Glossário de termos relativos à secção traduzida da obra seleccionada

Anexo 3: Principais comentários sobre a obra *Trans: exploring gender identity and gender dysphoria* no website [www.amazon.co.uk](http://www.amazon.co.uk)

Anexo 4: Resultados de pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos

## 1. Introdução

Nas palavras de Robinson (2012:124), tradutores não traduzem palavras; traduzem o que as pessoas fazem com elas. A tradução é uma atividade vital à partilha de informação. Num mundo cada vez mais globalizado, é importante que a informação seja perceptível a toda a gente que pretende ter acesso à mesma. Dito isto, a tradução assume um papel capital na divulgação de informação recente, de modo a que as pessoas consigam obtê-la pouco tempo depois da sua divulgação. Isto verifica-se especialmente quando se trata de tópicos que podem ser muito relevantes na vida das pessoas, como o que é tratado neste trabalho de projeto. Esta celeridade de divulgação e acesso é especialmente importante quando se trata de uma área em rápida expansão e constante evolução.

O presente trabalho de projeto tem como principal objetivo a tradução da primeira secção, composta por cinco capítulos, da obra *TRANS: Exploring Gender Identity and Gender Dysphoria* (2018) editada por, e da coautoria de Az Hakeem. É descrita como sendo um guia acessível para questões *trans*, relacionadas nomeadamente com o conceito em si mesmo, terminologia, a realidade do dia-a-dia de pessoas *trans* e disforia de género. Trata-se de um livro especializado o suficiente para poder servir como ponto de partida para profissionais, mas bastante acessível ao público em geral e particularmente aos familiares e entes queridos de indivíduos *trans*. Em termos de tipologia textual, podemos considerar esta obra um texto técnico-científico informativo.

A proposta de tradução que aqui se apresenta pretende servir de introdução a uma reflexão sobre a produção e tradução de conteúdo LGBTI em Portugal. Assim, faz-se acompanhar de uma contextualização do movimento LGBTI nacional e mundial e visa demonstrar a pertinência da tradução de bibliografia sobre esta matéria em Portugal. Pretende-se, ainda, através da análise da tradução proposta, refletir sobre as dificuldades que podem surgir na tradução de conteúdo deste cariz.

Os conhecimentos e competências adquiridos durante o Mestrado em Tradução são, assim, aplicados à satisfação de um fim social, neste caso a introdução e explicitação de um tipo de conteúdo que não é ainda muito estudado e aprofundado em Portugal, o que é evidenciado pelo reduzido número de obras editadas referentes ao tópico (consultar Anexo 4). Tenciona-se, pois, contribuir para a expansão de uma área de estudo muito lacunar, face à falta de conhecimento de muitos profissionais da área da saúde e do público em geral. Tal expansão seria benéfica e é, na verdade, indispensável à

comunidade *trans* portuguesa que, muitas vezes, é alvo de maus tratos e vítima de desigualdades, inclusive no acesso a serviços de saúde devido à falta de conhecimento relativo à temática LGBTI.

A pertinência do texto escolhido tem por base a credibilidade do autor e o facto de ser recente. Dado que a área a ser tratada está ainda em expansão, é necessário garantir que a informação não é desatualizada e errónea.

Quanto à estrutura, o projeto inicia-se com uma apresentação do autor Az Hakeem e da obra estudada, seguida de dados sobre a sua receção por parte do público geral. Posteriormente, é apresentado um enquadramento teórico da tradução técnica e científica à luz de abordagens de diversos autores, nomeadamente Byrne, Wright & Wright e Cavaco-Cruz. Além disso, faz-se uma contextualização da realidade LGBTI em Portugal e no mundo, de modo a interligar o objetivo do projeto com o âmbito em que se insere. Segue-se uma proposta de tradução de uma das secções, composta por cinco capítulos, da obra seleccionada, acompanhada por uma análise crítica feita de forma retrospectiva e autoanalítica, com base em teorias descritivas da tradução. Por fim, apresentam-se as principais conclusões, consideram-se as limitações do trabalho e incluem-se algumas sugestões para estudos futuros.

## 2. Autor e Obra

Az Hakeem, nascido no Norte do País de Gales, estudou Medicina no University College London e é considerado um dos principais especialistas em questões de género do Reino Unido, sendo membro de The Royal College of Psychiatrists. Hakeem é psiquiatra e professor convidado de Psiquiatria e Psicologia Aplicada. Durante doze anos, dirigiu um serviço especializado em disforia de género no Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido. Atualmente, exerce a sua profissão no setor privado, no Priory Hospital Roehampton. É, também, assistente sénior de Psiquiatria na University of New South Wales, Austrália. Para além de todo o seu trabalho clínico, Hakeem já trabalhou como consultor em vários programas televisivos, como *Big Brother UK*.

Depois de várias publicações em diversas revistas científicas, como *The British Journal of Psychotherapy*, *Psychoanalytic Psychotherapy* e *Advances in Psychiatric Treatment*, Hakeem lançou em 2018 o seu primeiro livro, *TRANS: Exploring Gender Identity and Gender Dysphoria*, uma obra de não-ficção sobre pessoas *trans* e disforia de género que constitui o objeto de estudo do presente trabalho de projeto.

Segundo Hakeem, o propósito do livro é ajudar os leitores a entender a disforia de género e conceitos com ela relacionados, não visando um público alvo em específico. Muito pelo contrário, o autor refere que o livro não é destinado apenas a profissionais ou a pessoas com disforia de género, mas que será útil também para aqueles que se relacionam com alguém que tenha disforia, sejam familiares, amigos, colegas ou simplesmente pessoas que tenham interesse em distinguir e compreender os diferentes termos ligados a esta temática.

Como qualquer outra obra, esta não existe num vácuo, nem o seu processo de descodificação é passivo. A Teoria da Receção sublinha o papel dinâmico do leitor na interpretação e construção de sentido de um texto, pelo que a relação estabelecida entre este e o leitor ou recetor se torna um elemento importante da identidade de uma obra. Procurou-se, por isso, averiguar os contornos da receção crítica do livro em estudo. Devido ao facto de não terem sido encontradas resenhas ou avaliações interpares, serão observados comentários deixados por leitores no *website* Amazon UK (ver Anexo 3). Dos vinte ali registados, dezassete atribuem ao livro uma classificação de cinco estrelas (de cinco possíveis), um atribui uma classificação de quatro estrelas e, por fim, um atribui uma classificação de duas estrelas. Percebemos, assim, pela pequena amostra, que a receção crítica da obra por parte dos leitores é maioritariamente positiva, salientando os

comentários favoráveis que o livro é útil e informativo sobre temas *trans* e de identidade de género. O único comentário negativo afirma que a obra não é equilibrada, é parcial em termos de teoria de género, e se torna confusa.

É de ponderar a pertinência de uma eventual edição desta obra em Portugal, e até da sua tradução para português europeu. Uma vez que parece ter sido bem recebida em Inglaterra, será de esperar que o mesmo aconteça em Portugal, uma vez que não existe, entre os dois países, uma disparidade cultural significativa o suficiente para sugerir o contrário.

### 3. A Tradução Técnico-Científica

Os tópicos focais do texto trabalhado são a medicina e a psicologia, e a obra inclui-se na categoria do texto técnico-científico. Em primeiro lugar, é importante compreender as características e nuances deste tipo de texto e, conseqüentemente, o que a sua tradução implica. O que é, então, a tradução técnica? Vários autores apresentam diversas propostas de definição.

Segundo Byrne (2006: 1), esta é tradicionalmente vista como o fundo da hierarquia da tradução, a forma menos desejada e importante. É considerada pouco excitante e atraente, sem o charme e o *glamour* característicos dos outros tipos de tradução. É, no entanto, estimado que este seja o tipo de tradução mais produzido no mundo, devendo-se tal à necessidade de textos que sejam compreensíveis, exatos e eficazes, o que vai aumentando paralelamente à intensificação da cooperação internacional na atividade científica, tecnológica e industrial. Byrne define a tradução técnica pela sua transmissão de informação, aliada à necessidade de que o leitor use essa mesma informação facilmente, adequadamente e de modo eficaz.

Por outro lado, como enfatizaram, na última década do século XX, os autores Wright & Wright (1993: 1), a tradução técnica engloba a tradução de textos com linguagem especializada, isto é, textos que recorrem a linguagem para fins específicos. A tradução deste tipo de texto implica não apenas o domínio de ambas as línguas, de partida e chegada, bem como o conhecimento e compreensão da área de especialidade, mas também a capacidade de pesquisa necessária à produção de um texto de caráter especializado.

Mais recentemente, Cavaco-Cruz (2012: 14), com base em Gamero, define o texto técnico da seguinte forma:

O texto técnico é um ato concreto de comunicação em que os emissores são especialistas, engenheiros, técnicos ou profissionais; os destinatários são outros especialistas, engenheiros e técnicos, formadores ou público em geral; a situação comunicativa está relacionada com a indústria, a exploração de recursos naturais, agrários e marítimos, a fabricação de produtos, e a oferta de serviços; o foco predominante é a exposição ou a exortação; o meio é geralmente escrito; o tema é de natureza exclusivamente técnica.

Percebemos que Cavaco-Cruz apresenta uma definição mais estrita, no sentido em que separa nitidamente os domínios técnico e científico. Já Maeve Olohan, na sua obra de

2016 intitulada *Scientific and Technical Translation*, reúne precisamente os dois domínios com a seguinte justificação:

In the chapters that follow, we can adopt the convenience of grouping science and technology together, while recognizing that the nature of the domains and the dynamic relationships between them can be understood in different ways. Bringing them together in this book implies that they share some features, challenges or approaches. Rather than reflecting on how some things might be labelled as scientific and others as technical, we will focus on the ways in which texts and language are used to perform specific communicative functions in technical and scientific contexts. (Olohan:7)

Para efeitos de tradução, neste trabalho de projeto todas estas considerações serão tidas em conta, de modo a obter um resultado satisfatório e de qualidade. Porém, o principal foco recai sobre as ideias de Byrne e Wright & Wright, por serem as que melhor se adaptam ao teor do texto trabalhado. A obra estudada define-se, de facto, pela transmissão de informação de forma prática e perceptível e pelo emprego de linguagem especializada das áreas da Medicina e da Psicologia.

Algo implícito em todas as abordagens referidas é a necessidade de um trabalho de pesquisa extenso e cuidado, de modo a produzir uma tradução rigorosa, especialmente neste caso, dado tratar-se de um tópico sensível. Tendo em conta a indispensabilidade de conhecimento do domínio de especialidade para produzir uma tradução técnica de qualidade, é muito comum haver colaboração com linguistas e/ou especialistas da área abordada. Tendo isto em conta, no decurso da elaboração da tradução referente a este trabalho de projeto foram contactadas diversas pessoas das áreas da medicina, da psicologia e da comunidade *trans* portuguesa, de modo a assegurar a exatidão da mesma.

Wright & Wright (1993: 11) estabelecem três objetivos estilísticos para a escrita técnica, que podem ser aplicados também à tradução técnica: clareza, concisão e correção. É necessário que o texto técnico seja claro no que pretende transmitir, e a tradução deve pautar-se pelo mesmo propósito. Se as características sintáticas e lexicais forem diferentes de língua para língua, é por vezes necessário reformular o texto de modo a preservar a clareza.

Os autores de textos técnicos escrevem, muitas vezes, porque sabem do que falam e não porque sabem escrever corretamente. Dito isto, os textos produzidos são, por vezes, pouco concisos. Assim, um passo importante pode ser a reorganização do texto de modo a que este se torne mais fluído e conciso, uma vez que um documento mal-organizado

não leva o leitor de secção para secção de forma eficiente e acaba por repetir muita informação. Isto pode levantar dúvidas ao tradutor no que toca ao seu papel e à liberdade que tem para trabalhar o texto. Dado que a transformação em prol da concisão e da fluidez pode ser vista como um modo de alterar o texto tão significativo que implica passar do domínio da tradução para o da adaptação, muitos tradutores escolhem manter a formatação original.

Por fim, a correção implica a recriação exata das ideias e termos técnicos do texto original na língua de chegada. Tal recriação é, normalmente, impossível, a menos que o tradutor técnico tenha um conhecimento aprofundado do tema do texto a ser traduzido. A recriação correta também envolve suprimir erros tipográficos e gramaticais óbvios do original, desde que isso não impeça a compreensão do texto. Finalmente, a correção implica que palavras ou construções gramaticais que podem não ser compreendidas na língua ou cultura de chegada sejam anotadas como tal e explicitadas, uma vez que o texto técnico requer, como já foi referido, clareza.

No que toca ao ato da tradução em si, Byrne (2006: 17) divide, com base em Mossop, o processo tradutório em cinco tarefas distintas: interpretação do texto de partida, composição da tradução, realização da pesquisa necessária à interpretação e composição, revisão e correção da tradução, e, por fim, a decisão das implicações da encomenda de tradução, isto é, estudar de que forma é que o propósito da mesma a vai afetar. Esta última tarefa remete para a teoria do *Skopos*, que se foca no propósito da ação tradutória, o qual a define. Por exemplo, no presente trabalho de projeto o *skopos* (isto é, o propósito da tradução) é a transmissão de informação correta e fidedigna acerca de identidades *trans* e disforia de género ao público português. Reiss & Vermeer (2015: 90) indicam que todas as ações devem ser determinadas pelo propósito e que “o fim justifica os meios”. Desta forma, considera-se que, neste caso em específico, se deve proceder de forma a garantir uma tradução que cumpra o objetivo visado.

#### 4. A realidade LGBTI em Portugal e no mundo

Devido ao teor da obra selecionada, afigura-se necessário traçar uma breve panorâmica da realidade LGBTI em geral, tanto no mundo como em Portugal, de modo a justificar a pertinência deste trabalho no contexto em que se enquadra.

A temática LGBTI é ainda relativamente recente, encontrando-se em desenvolvimento tanto em Portugal como no mundo. Deschamps & Singer (2017: 90) mostram que, de acordo com a associação internacional ILGA (Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, *Trans* e Intersexo), a atividade sexual entre adultos, com consentimento mútuo, só é legal em 61% dos países pertencentes às Nações Unidas. Tal dado revela que, embora se encontre em decréscimo, a criminalização de identidades LGBTI ainda é algo que se verifica a um nível relativamente elevado pelo mundo. Em Portugal, a descriminalização da homossexualidade deu-se em 1982, e só em 1999 é que a Lei das Uniões de Facto passou também a aplicar-se a casais do mesmo sexo. Ademais, o acesso ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo só foi aprovado, em Portugal, no dia 8 de janeiro de 2010 (Lei n.º 9/2010, de 31 de maio) e a adoção homoparental em fevereiro de 2016 (Lei n.º 2/2016, de 29 de fevereiro).

Paralelamente, em termos sociais, um estudo realizado pela Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, em 2013, com dados de mais de noventa mil cidadãos europeus que se identificam como LGBTI, mostra que, antes dos dezoito anos de idade, 91% dos indivíduos ouviram comentários negativos ou presenciaram condutas negativas para com um/uma colega por este/esta ser percebido/a como sendo LGBTI. O mesmo sucede em Portugal, tal como indicado pela Associação ILGA Portugal no Relatório Anual de Discriminação contra Pessoas LGBTI+ de 2018. Neste, estão registadas 59 situações consideradas crime, entre as quais um homicídio, oito casos de violência extrema, quatro de violência sexual, quatro agressões, três casos de dano de propriedade e ainda 44 situações de ameaça ou violência psicológica. Para além destas ocorrências, registam-se também 74 outros casos considerados incidentes discriminatórios. Nota-se, para além do mais, que em 2018 aumentou o número de denúncias feitas pelas próprias vítimas, o que poderá indicar uma maior consciência da realidade da discriminação. Acrescenta-se ainda que estes números equivalem apenas à fração da discriminação que é, de facto, denunciada. Podemos então presumir que correspondam a uma percentagem reduzida das situações que realmente ocorrem.

A discriminação contra as pessoas LGBTI em Portugal é também constatada na área da saúde. Na brochura *Saúde em Igualdade. Pelo acesso a cuidados de saúde adequados e competentes para pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans* (2015), a Associação ILGA Portugal apresenta estatísticas e testemunhos que demonstram que, muitas vezes, as pessoas LGBTI portuguesas são vítimas de desigualdade de tratamento e de constrangimentos no acesso a serviços de saúde. São reportados casos de falta de respeito e dignidade, invalidação e invasão da vida privada e discurso de ódio. Em entrevista ao jornal *PÚBLICO*, Ana Aresta, presidente da Associação ILGA Portugal, afirma que há uma grande preocupação em garantir a qualidade dos serviços de saúde para as pessoas LGBTI, nomeadamente as *trans* e intersexo. Assim, torna-se pertinente e importante a criação e/ou tradução de conteúdo para português europeu que permita facilitar um cuidado melhor, e mais responsável, da população LGBTI portuguesa. Uma medida já tomada foi a criação de um guia para atendimento de utentes transgénero e intersexo, coordenado pela Direção-Geral de Saúde, em colaboração com unidades de saúde, a Secretaria de Estado da Igualdade e associações da sociedade civil.

Medidas como a anterior ajudam a combater a falta de informação por parte dos profissionais de saúde, mas também da população em geral. Jeyasingham (2008: 139) sugere que a alimentação da ignorância (formas de desconhecimento de minorias ou partes delas) é um processo primário social, pelo qual certos comportamentos, sentimentos e grupos de pessoas são tidos como abjetos. Assim, pode argumentar-se que a tradução é uma forma de transmissão de informação que ajuda no combate à falta de conhecimento. Dito isto, a tradução de conteúdo LGBTI poderá ser vista como uma arma contra a discriminação e uma forma de mitigação dos maus tratos – intencionais ou não – da comunidade LGBTI, o que seria uma mais valia a nível social.

5. Tradução da Secção 1 da obra *TRANS: Exploring Gender Identity and Gender Dysphoria* de Az Hakeem

## CAPÍTULO 1

### SEXO, GÉNERO E SEXUALIDADE

#### SEXO

**Sexo** é a palavra usada para descrever o sexo *biológico*. É determinado pelos cromossomas e manifesta-se fisicamente através do corpo. Existem três categorias: masculino, feminino e intersexo.

O sexo masculino resulta de cromossomas sexuais XY e manifesta órgãos sexuais masculinos, independentemente do papel de género psicológico ou identidade de género.

O sexo feminino resulta de cromossomas sexuais XX e manifesta órgãos sexuais femininos, independentemente do papel de género psicológico ou identidade de género.

**Intersexo** é um termo geral para pessoas cujos cromossomas e/ou corpos físicos não se enquadram em nenhuma das categorias acima mencionadas. Estima-se que aproximadamente 1 em cada 200 bebés nasce intersexo. Uma pessoa intersexo pode ter combinações diferentes de cromossomas sexuais (como XXY ou XXX ou XO), ou o seu corpo pode ter desenvolvido respostas atípicas a uma hormona sexual. O resultado final difere de acordo com a tipologia exata de intersexo. Alguns exemplos incluem pessoas que parecem exteriormente pertencer a um sexo biológico, mas têm os órgãos sexuais internos do outro, ou pessoas que têm genitais ambíguos ou indiferenciados, dificultando a sua designação enquanto masculinas ou femininas à nascença.

Historicamente, as pessoas que nascem intersexo têm sido educadas de acordo com o papel masculino ou o feminino. Os pais e profissionais médicos consideravam que seria menos confuso para o indivíduo, dado este crescer numa sociedade em que a maioria das pessoas é encarada como pertencendo a um dos dois sexos. Este pressuposto tem gerado alguma controvérsia entre a comunidade intersexo adulta. Alguns adultos intersexo têm exprimido o seu pesar por terem sido assimilados ao género masculino ou feminino. As opiniões relativas a este assunto continuam divergentes.

## GÉNERO

Ao contrário de “sexo”, que é uma característica biológica manifestada nos corpos e determinada por cromossomas, “género” é um construto psicossocial que não tem qualquer localização no corpo. O género relaciona-se com características psicológicas, comportamentais e sociais atribuídas a um sexo em particular, do ponto de vista de uma pessoa ou da sociedade em que vive. Na minha opinião, o género não tem bases biológicas ou genéticas no indivíduo, e depende de um contexto social para ter significado, se bem que esteja seguro de que muitos outros especialistas de género discordarão.

É atribuído um **papel de género** quando associamos certos atributos, comportamentos, roupas, atividades ou brinquedos a homens ou mulheres, não por haver algo nos cromossomas masculinos ou femininos que os ligue a essas coisas, mas porque a sociedade as associou a esses sexos. Em algumas sociedades, pode ser considerado feminino usar sapatos de salto alto, batom e ter cabelo comprido, enquanto que em outras sociedades pode ser considerado feminino ter a cabeça rapada ou o pescoço alongado por uma série de anéis de metal.

Quando uma criança ou um adulto mostra interesse por algo que identificamos como estando mais frequentemente associado ao outro sexo, ou mostra falta de interesse por algo que seria de esperar que lhe despertasse interesse, podemos correr o risco de deduzir que tem um problema de identidade de género. Felizmente, este tipo de pensamento é hoje menos comum. As raparigas podem jogar futebol e os rapazes podem brincar com bonecas sem que necessariamente os seus pais se convençam, ou convençam a criança, de que esta tem um problema de identidade de género.

**Identidade de género** é a noção que uma pessoa tem do seu próprio género e como nos identificamos a nós mesmos. Esta noção pode não corresponder à perceção que as outras pessoas têm do nosso género, ou ao sexo biológico do nosso corpo ou cromossomas.

Até recentemente, a maioria das pessoas limitava o seu conhecimento de género a um repertório binário, correspondente aos dois sexos biológicos, masculino e feminino. Presentemente, há uma crescente consciencialização da existência de identidades de género fora da estrutura binária masculino/feminino. Um cada vez maior número de pessoas sente que não se enquadra na estrutura masculino/feminino existente e, como tal, experimentam identidades que servem para a subverter. Estes indivíduos podem

identificar-se como “*gender-queer*”, derivado de “*queer theory*”, um termo sociopolítico utilizado por vários escritores, tais como Judith Butler.

### EXEMPLOS

**Jane** considerava-se uma mulher “muito feminina” e, quando criança, adorava tudo o que tivesse a ver com princesas, fadas e cor de rosa. À medida que foi crescendo, identificou-se com o que considerava ser uma identidade feminina muito estereotipada numa sociedade ocidental.

**John** identificava-se com o que considerava ser uma identidade de género muito masculina. Enquanto criança, gostava de brincar com armas de brinquedo e figuras de ação militares. Ao crescer, tornou-se um jogador de rãguebi apaixonado, e, em adulto, foi banqueiro na zona comercial e financeira de Londres e orgulhava-se de usar fatos elegantes, feitos à medida.

**Juno** é uma pessoa do sexo feminino, pois nasceu rapariga. Ao crescer, identificou-se cada vez mais com a neutralidade de género. Na adolescência, identificava-se como assexual e adaptou a sua aparência em conformidade. As outras pessoas presumiam que ela era “gótica” ou “*punk*”, devido à sua aparência única. Ela tenta evitar conformar-se a atributos de género estereotipados que identifica como sendo fortemente masculinos ou femininos. Em vez disso, esforça-se por adotar uma identidade e aparência neutras em termos de género. Rapa a cabeça e usa maquilhagem, mas não de uma forma que pudesse ser considerada estereotipadamente “feminina”.

**Xave** é uma pessoa do sexo masculino, pois nasceu rapaz. Como adulto, identifica-se como *gender-queer*. Ao contrário de Juno, que evita atributos de género estereotipados, Xave tenta combinar características que considera ser estereotipadamente masculinas e femininas na sua aparência e no seu comportamento. Ao combinar componentes estereotipadamente masculinas e femininas na sua identidade, Xave espera desafiar os preconceitos das pessoas à sua volta sobre o que é ser masculino ou feminino.

## SEXUALIDADE

Ao contrário de sexo e género, que dizem respeito a características de nós mesmos, a sexualidade refere-se ao que nos atrai (na maioria dos casos, fora de nós mesmos). A sexualidade é, essencialmente, aquilo que excita uma pessoa sexualmente, independentemente do que/de quem ela seja.

Estatisticamente, a maioria das pessoas sente-se sexualmente atraída por pessoas do sexo oposto, o que leva muitas pessoas a acreditar que a sexualidade de uma pessoa é determinada pelo seu próprio sexo biológico. Outro mal-entendido comum é o pressuposto de que toda a gente tem uma sexualidade direcionada ou ao sexo oposto (heterossexual), ou ao mesmo sexo (homossexual, gay, lésbica), ou a ambos (bissexual). Na verdade, uma pessoa pode ter uma sexualidade direcionada a quase tudo, ou, em alguns casos, absolutamente nada.

A maioria das pessoas considera que as suas preferências sexuais se tornam fixas e inalteráveis no início da idade adulta e não há provas de que isto possa mudar, mesmo que a pessoa ou a sociedade gostasse que tal acontecesse. No século passado, antes do movimento civil pelos direitos dos homossexuais e a legalização da homossexualidade, houve tentativas de mudar a sexualidade das pessoas por vários meios, incluindo terapia de aversão, ou psicoterapia. Há muitos anos, acreditava-se que aplicar estímulos repulsivos a alguém, como por exemplo uma descarga elétrica ou náuseas induzidas quimicamente, mostrando-lhe, simultaneamente, imagens que normalmente acharia agradáveis ou excitantes, tal poderia fazer com que a pessoa fosse re-treinada para achar essas mesmas imagens/ideias “repugnantes”, em vez de agradáveis. Não existem provas que sugiram que tais intervenções tenha tido o efeito desejado.

Ao passo que a maioria de nós consideraria tais intervenções gravemente antiéticas, ainda existem, infelizmente, algumas pessoas que as procuram, e alguns psicoterapeutas que acreditam, erroneamente, que funcionam. Mais recentemente, ocorreram tentativas semelhantes para mudar a sexualidade de pessoas com desejos socialmente inaceitáveis, como aquelas que só se sentem atraídas por pessoas abaixo da idade legal de consentimento ou que só se excitam com certos cenários, como o de violência extrema não consentida. Se bem que existam algumas provas de que certas intervenções podem reduzir a libido de uma pessoa, ou a probabilidade de esta levar a cabo tais atos sexuais, são escassos os indícios de que as intervenções terapêuticas consigam mudar a sua preferência sexual assim que esta estabiliza na vida adulta.

Embora a sexualidade seja, normalmente, dirigida a outra pessoa, algumas pessoas podem ser antes estimuladas por “coisas” ou conceitos. Alguns exemplos incluem pessoas que se sentem sobretudo excitadas sexualmente por animais, carros, violência, cativo, asfixia e outros cenários que podem, ou não, envolver outras pessoas.

Alguns indivíduos sentem-se em especial atraídos sexualmente por roupas que associam ao sexo oposto (travestis fetichistas) ou pelo conceito imaginado de eles mesmos terem partes do corpo associadas ao sexo oposto (autoginefilia nos homens e autoandrofilia nas mulheres). Ambas as situações serão descritas em maior detalhe mais adiante.

Alguns indivíduos não se sentem sexualmente atraídos nem por pessoas do sexo masculino nem do sexo feminino, mas por nunca terem sentido atração sexual por outra pessoa, podem não estar conscientes da sua ausência. Este fenômeno assemelha-se a pessoas que não se apercebem do seu daltonismo por nunca terem tido a experiência de distinguir cores. Há pessoas que podem envolver-se fisicamente nos movimentos mecânicos do ato sexual sem sentirem excitação ou aversão. Uma vez que são capazes de tomar parte em atos sexuais, atingir o orgasmo físico e reproduzir-se, podem ser mal interpretadas por outras pessoas, até pelos seus parceiros sexuais, como tendo uma sexualidade em particular. No entanto, a ausência de qualquer desejo erótico experienciado interiormente diferencia-as das pessoas com desejo sexual associado às ações que são capazes de praticar mecanicamente. Estes indivíduos podem ser assexuais e não ter qualquer desejo sexual, ou ter desejos sexuais direcionados a áreas não relacionadas com pessoas.

## **EXEMPLO**

**Michael** é um homem de 34 anos. Nunca teve muito interesse em ter sexo com homens ou mulheres. Quando ele e os seus amigos estavam a passar pela puberdade, não conseguia entender o motivo por que toda a gente parecia estar tão excitada com as suas sexualidades recém-descobertas. Michael nunca teve fantasias sexuais com homens ou mulheres. Enquanto que Michael não se sente particularmente excitado sexualmente por homens ou mulheres, a ideia de ter relações sexuais com pessoas também não lhe repugna particularmente.

Conheceu Mandy aos vinte e tantos anos. Todos os seus amigos se estavam a casar e Michael percebeu que já não tinham tanta disponibilidade para estar com ele. Mandy deu-se imediatamente bem com Michael. Ele era atraente, divertido e tinham interesses semelhantes. Mandy e Michael começaram uma relação e mais tarde casaram-se e tiveram dois filhos. Michael é fisicamente capaz de ter relações sexuais com Mandy; embora não esteja particularmente interessado, também não lhe repugna. Tem relações quando Mandy quer, porque tem noção de que é o que ela quer. Uma vez que Michael está casado com uma mulher e a sua atividade sexual produziu filhos, toda a gente presume que Michael é heterossexual. No entanto, enquanto que Michael tem sido capaz de funcionar fisicamente de forma heterossexual, a ausência completa de interesse e excitação sexual sugere que Michael é assexual e não heterossexual.

## CAPÍTULO 2

### TRANSSEXUAL, TRANSGÉNERO E DISFORIA DE GÉNERO

#### TRANSSEXUALIDADE

**Transsexualidade** é o desejo de viver e ser aceite como membro do sexo oposto, normalmente acompanhado por um sentimento de desconforto com o próprio sexo anatómico.

Pessoas identificadas ou que se identificam como transexuais podem ter sido sujeitas a cirurgia de reatribuição sexual, terapia hormonal ou podem não querer passar por estes tipos de intervenções físicas. A palavra “transsexual” indica que há mudanças corporais em relação ao sexo da pessoa, as quais esta considera necessárias devido a uma discordância com a identidade de género que experiencia. Enquanto que género não está presente no termo, é necessário um conflito entre a identidade de género e o sexo físico de uma pessoa para se ser transsexual.

Enquanto que muitas pessoas no mundo se têm manifestado contra estereótipos sociais de género, argumenta-se que um elemento central da noção de transsexualidade é uma adesão rígida a características, comportamentos e convenções ligados aos papéis de género perceptíveis, ainda que os mesmos correspondam a um sexo diferente do sexo biológico da pessoa. Esta adesão servil é uma tentativa de obedecer às regras de género percecionadas, de modo a que o indivíduo se enquadre e “*pass*”.

Algumas pessoas transexuais identificam-se como transexuais e sentem-se confortáveis ao serem identificadas como tal. Muitas preferem ser vistas como membros não-transexuais do sexo com que se identificam. A isto chama-se “*passing*”, isto é, ser percecionado como um membro desse sexo. Tal preferência pode dever-se ao facto de se considerar ser mais seguro do que ser-se identificado como transgénero.

O termo **transsexual pré-operatório** refere-se a pessoas que se identificam como transexuais, mas que não foram submetidas à cirurgia de reatribuição sexual. Podem viver num papel de género oposto aquele associado ao seu sexo biológico e/ou estar a tomar hormonas, mas não foram submetidas a cirurgia genital ou mamária.

## EXEMPLO

**Justin** nasceu rapaz. Aos vinte e poucos anos, cada vez se identificava mais com um papel de género feminino. Aos 29 anos, decidiu viver num papel de género feminino e mudou o seu nome para Justine. Justine prefere que se refiram a ela com pronomes femininos. Utiliza as suas roupas, cabelo e maquilhagem de uma maneira que identifica como sendo feminina, e pede que os outros a tratem como uma mulher. Justine está a ponderar se deve iniciar tratamento hormonal e/ou submeter-se a cirurgia de reatribuição sexual no futuro, mas está indecisa. De momento, Justine considera-se uma mulher *trans* pré-operatória.

O termo **transsexual pós-operatório** refere-se a alguém que foi submetido a cirurgia para remover ou reduzir as características sexuais secundárias do seu sexo biológico e que pode ter passado por procedimentos cirúrgicos que lhe possibilite ter a aparência do sexo com que se identifica. Tais operações podem incluir:

- Orquiectomia (habitualmente designada como castração), a remoção dos testículos
- Penectomia, remoção do pénis
- Vaginoplastia, criação de um espaço neovaginal revestido por pele peniana e lábios de pele escrotal
- Mastectomia, remoção de tecido mamário em mulheres

Podem ser requeridos outros procedimentos cirúrgicos maxilofaciais, como a redução da “maçã de Adão” (redução da cartilagem cricoide) e remodelação do maxilar/queixo.

É possível adaptar o corpo cirurgicamente de modo a que este tenha a aparência do outro sexo, mas não é possível replicar a função reprodutiva. Por outras palavras, não é possível cirurgicamente transformar um homem numa mulher que possa engravidar ou dar à luz. Também não é possível transformar uma mulher num homem capaz de produzir esperma.

## EXEMPLOS

**Alice** é uma mulher transsexual pós-operatória de 50 anos. Nasceu homem e passou os primeiros trinta anos da sua vida como Andrew, e utilizava pronomes masculinos, antes de embarcar numa transição de papel de género. Inicialmente, Andrew foi encaminhado a uma clínica especializada em identidade de género que supervisionou a sua transição de género. Primeiramente, Andrew viveu no papel de género feminino a tempo inteiro, mudou o seu guarda-roupa, e mudou o nome legalmente para Alice, o que foi refletido no seu passaporte e em todos os seus outros documentos. Tendo mudado de nome, Alice preferia que se referissem a ela com pronomes femininos. Depois de viver no papel de género feminino a tempo inteiro, a clínica prescreveu-lhe hormonas femininas. Alguns anos depois, Alice decidiu submeter-se à cirurgia de reatribuição sexual. Esta envolveu a remoção dos testículos e pénis e a reconstrução da área genital num espaço semelhante ao vaginal, completado com uma vulva construída a partir do antigo escroto. Recebeu implantes mamários artificiais que deram a aparência de seios femininos. Mais tarde ainda, Alice foi submetida a mais cirurgias às zonas da cara e do pescoço para feminilizar a sua aparência, incluindo a remoção da “maçã de Adão” e a suavização do queixo. Alice identifica-se como uma transsexual pós-operatória que passou do sexo masculino ao feminino. Está ciente de que embora pareça convincentemente feminina, não poderá engravidar como uma mulher que nasceu no sexo feminino poderia, mas aceita bem este facto.

**Paul** é um homem transsexual pós-operatório de 40 anos que passou do sexo feminino ao sexo masculino. Paul nasceu mulher e viveu como Pauline até aos seus 20 anos. Tal como Alice, frequentou uma clínica de género que acompanhou a sua transição de género. A transição de Paul também decorreu através de um processo de três fases (anteriormente chamado de “terapia triádica”): viver no papel de género oposto, seguido de tomar hormonas, e por fim a cirurgia. Paul tomou hormonas masculinas, o que causou o engrossamento da sua voz e levou ao desenvolvimento de pelo corporal e facial masculino, o qual Paul escolhe usar como uma barba. A cirurgia incluiu a remoção de ambos os seios (mastectomia bilateral) e a utilização de tecido e pele do seu antebraço para construir algo que pudesse parecer um pénis e quase funcionasse como tal, assim como para criar um escroto e testículos artificiais. Embora num exame atento o novo pénis de Paul não se pareça nem funcione exatamente como o pénis de um homem cisgénero e os seus testículos artificiais não produzam esperma, Paul está muito satisfeito com o resultado.

## TRANSGÉNERO

O uso do termo “transsexual” está cada vez mais a ser substituído por “transgénero”. Enquanto que o termo “transsexual” tem uma definição específica e costumava ser usado para propósitos de diagnóstico, o termo “transgénero” é menos definido e mais abrangente. O termo talvez possa ser mais útil que “transsexual”, uma vez que, pelo menos, faz referência a “género”, o que é central na situação e na relação da pessoa com a mesma.

Ambos os termos incluem o prefixo “trans”, que implica uma mudança entre dois polos binários (homem para mulher ou mulher para homem). Enquanto que este tem sido o caso da maioria da transsexualidade, é cada vez mais comum que pessoas que se identificam como transgénero tenham identidades de género fora do repertório binário de homem/mulher (daí o termo “não-binário”).

Pessoas transgénero podem aderir aos papéis estereotipados de homem/mulher, ou podem subvertê-los de forma criativa e identificar-se com um género fora da estrutura binária. Tais indivíduos podem não se identificar com um género em específico, identificar-se como intergénero ou como transgénero sem tentarem assimilar (“*pass*”) o género convencional de homem ou mulher.

**Cisgénero** é um termo cada vez mais usado pelas pessoas da comunidade transgénero para se referirem a pessoas que não são *trans*, isto é, indivíduos sem disforia de género, cuja identidade de género corresponde ao género que lhes foi atribuído à nascença.

## DISFORIA DE GÉNERO

Disforia de género (do grego antigo) significa um sentimento de insatisfação ou descontentamento com o próprio género. Uma das diretrizes de diagnóstico para os profissionais de saúde internacionalmente é o DSM: *The Diagnostic and Statistical Manual* [O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais]. A edição anterior do DSM (DSM-IV) usava o termo Transtorno de Identidade de Género.

A nova edição (DSM V) substitui Transtorno de Identidade de Género pelo termo “disforia de género”. Também se propõe que o futuro ICD-11 substitua o termo “transsexualismo” pelo termo “incongruência de género”. Literalmente, isto implica uma identidade de género que não está de acordo com o género atribuído à nascença, em vez de necessariamente implicar qual é a identidade de género.

O outro sistema de classificação bastante utilizado é a *International Statistical Classification of Diseases and related Health Problems* [Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde] (ICD). Na versão mais recente do ICD, o ICD-10, é usado o termo “transsexualismo”. A substituição de termos como “transtorno” no sistema de classificação atualizado é uma mudança bem-vinda para os indivíduos que consideram que “transtorno” sugere uma descrição patológica.

As mudanças para “disforia de gênero” e “incongruência de gênero” vão possibilitar a inclusão de pessoas que se identificam com um gênero diferente do seu sexo (mas não necessariamente o sexo oposto). O antigo diagnóstico de “transsexualismo” englobava apenas pessoas que se identificavam com o sexo (binário) oposto e nada mais.

A nova classificação atualizada vai incluir pessoas que se identificam com identidades de gênero não-binárias que não se enquadram inteiramente nas classificações anteriores.

## EXEMPLO

**Craig** nasceu rapaz e viveu a sua vida num papel masculino. Já casado e com filhos, Craig não estava feliz sendo homem e tinha dificuldade em identificar-se como tal ou com coisas que considerava “masculinas”. Por vezes desejava ser mulher, mas esses sentimentos nem sempre tinham a mesma intensidade. Nalguns dias, Craig sentia-se muito infeliz e acreditava que a vida seria muito melhor se fosse mulher, mas esses sentimentos atenuavam-se noutros dias. Craig não considerava que mudar o seu género ou sexo o tornaria mais feliz, e previa que essa mudança afetaria negativamente aspetos da sua vida a que dava muito valor, como o seu casamento e a vida familiar com os seus filhos. Também estava ciente de que o seu desejo de ser mulher mudava de semana para semana e até de dia para dia, e, como tal, não se sentia interessado em submeter-se a uma “mudança de sexo” irreversível. Para todos os seus amigos e família, Craig era um homem comum uma vez que nunca falava da sua infelicidade e confusão com a sua identidade de género, e não havia nada que sugerisse que Craig não era um homem. Craig tem uma disforia de género que não se encaixa no típico enquadramento transsexual. Como tal, intervenções de mudança de sexo tais como hormonas e cirurgia não são opções adequadas para ele. Craig foi encaminhado para terapia especializada em pessoas com identidades de género atípicas, a qual ele considerou útil, especialmente por esta acontecer num contexto de grupo com outras pessoas também com identidades de género atípicas ou disforia de género de diferentes tipos.

A **não-conformidade de género** pode ou não ser vista como um problema para a pessoa que não se conforma com o género ou para a sociedade em que vive. Não resulta necessariamente em sofrimento e pode ser parte de um ato criativo de subversão face a um determinado enquadramento ou convenção social.

Uma característica comum dos relatos feitos por pessoas transgénero é uma noção de não se enquadrarem nas “normas” ou expectativas para o seu sexo biológico. Exemplos frequentemente citados incluem rapazes que brincam com bonecas e preferem jogos com raparigas em vez das brincadeiras agressivas de outros rapazes. Do mesmo modo, raparigas podem relatar o inverso.

Alguns indivíduos podem sentir insegurança ou pouca confiança em relação ao género quando concluem que, se não se enquadram na estrutura percecionada de género, então deve haver algo de errado com eles mesmos. Acreditam que isso poderia ser

retificado corrigindo algo neles mesmos. Dito de forma simples: “Se não me enquadro no molde do que é ser um rapaz, tal deve querer dizer que devia ter sido uma rapariga”.

Claramente, há muitas pessoas que não se enquadram nesta descrição. O descrito acima é uma simplificação exagerada para ilustrar a ideia. Já vi muita gente cuja disforia de género tem a ver com uma falta de confiança relacionada com o enquadramento na estrutura percecionada. No entanto, há muitas pessoas que desafiam os limites e as fronteiras destas estruturas de forma criativa e sentem que podem expressar o seu próprio sentido de identificação pessoal de forma ideal. Então, no caso dessas pessoas, em vez de falta de confiança nas estruturas de género, têm uma sensação proeminente de confiança, e não se encaixam no exemplo que descrevi. Por outro lado, uma pessoa com mais confiança no seu género que, de forma semelhante, sente que não se enquadra numa estrutura de género percecionada, chega antes à conclusão de que o problema será inerente à estrutura de género e não a si própria. Pode ser confiante o suficiente para exibir a estrutura defeituosa de uma forma que desafia a nossa compreensão.

Estruturas (como a de género) são, afinal, apenas uma forma hipotética de organizar o nosso mundo. Se uma pessoa não se enquadra na estrutura, isso é um reflexo das limitações da estrutura e não um defeito da pessoa. Exemplos desta confiança de género incluem David Beckham e a sua reapropriação do brinco masculino e do sarongue, e o crescimento da *metrossexualidade*. O homem metrossexual questiona a estrutura percecionada do que é considerado “para homem” ou “para mulher” em termos de roupa e asseio, preservando, no entanto, a sua masculinidade e identidade de género masculina.

Isto não quer dizer que não haja pessoas transsexuais que não sejam capazes de subverter expectativas de género percecionadas. Muitas pessoas *trans* com confiança de género escolhem intencionalmente adotar características que percecionam como sendo pertencentes a aparências de género diferentes e mutualmente conflituosas, de modo a desafiar a definição do que significa ser homem ou mulher, adotando por exemplo uma aparência feminina e mantendo a maçã de Adão, ou mantendo uma voz grossa. E há aqui uma sobreposição com os conceitos de ser *gender queer*.

## **EXEMPLO**

**Já falámos sobre Xave.** Nasceu rapaz, mas cada vez mais se foi identificando como *gender queer* porque sentia que não se conseguia identificar com uma estrutura de género binária. Xave sente que as interpretações tradicionais de género são limitadoras e não sente a necessidade de se fechar em, ou restringir a, caixas ou categorias predeterminadas. Em vez de se sentir perturbado ou confuso, Xave sente-se muito confortável na sua própria identidade e é capaz de experimentar estereótipos sociais de género de forma confiante e criativa. Enquanto que Xave não se sente confuso consigo mesmo, procura incutir alguma confusão nas pessoas à sua volta através da sua aparência e autoapresentação. Procura fazer as pessoas pensar sobre o que antes tinham tomado por garantido em termos do que é ser homem ou mulher. Ao contrário de uma pessoa com disforia de género que pode sentir-se perturbada, infeliz ou confusa com o seu sentido de género, Xave tem confiança de género suficiente na sua identidade *gender queer* para subverter a sua expressão de género perante os outros de forma divertida e criativa.

## **A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E TRANSSEXUALIDADE**

Embora contenha o sufixo “sexualidade”, o termo “transsexualidade” não se refere a um tipo de sexualidade. Transsexualidade ou transgénero têm a ver com a identidade de género. Mas como é que os conceitos de sexualidade e transgénero se relacionam?

Como já foi mencionado, todos os indícios sugerem que a sexualidade de uma pessoa é, normalmente, fixada na altura em que se chega à idade adulta, e é pouco provável que se altere ou seja alterada. A maioria das pessoas que passa por reatribuição de sexo para mudar de género raramente encontra mudanças na sua sexualidade (ou pelo que as atrai sexualmente), mesmo depois da transição (embora hipoteticamente não seja impossível). Assim, um homem heterossexual que se sente atraído por mulheres continuará, em princípio, a sentir-se atraído por mulheres depois de fazer a transição para mulher, tornando-se assim uma mulher transsexual lésbica. Um homem homossexual sexualmente atraído por outros homens continuará a sentir-se atraído por homens depois de fazer a transição para mulher, tornando-se assim heterossexual em termos de orientação sexual. O fator importante a considerar é que o que a pessoa considera sexualmente excitante não se altera. Mas, se o seu próprio sexo ou género mudou, então

o termo atribuído à sua sexualidade muda também. Em síntese, o termo aplicado à sexualidade do indivíduo muda em resposta à mudança de sexo da própria pessoa, embora a sexualidade em si (fonte de atração) não mude.

Alguns indivíduos que vivem no papel de gênero que corresponde ao seu sexo à nascença e que se sentem sexualmente atraídos por outros do mesmo sexo, podem recusar identificar-se como homossexuais ou *gays*. Este é o caso de apenas uma pequena proporção de pessoas transgênero. Quando conheci pacientes assim na prática clínica e lhes perguntei, no seu estado de pré-transição, por que motivo não se identificavam como homossexuais/*gays* apesar de apenas se sentirem sexualmente atraídos por pessoas do mesmo sexo, a resposta mais comum foi que sentiam que não tinham “nada em comum” ou eram “incapazes de se identificar com” membros da comunidade *gay*.

Homossexualidade é, claro, um termo descritivo utilizado quando o sexo das pessoas por quem um indivíduo se sente atraído corresponde ao seu próprio sexo. Mas as respostas mencionadas acima indicam o pressuposto de outros significados ou atributos do que é ser homossexual (possivelmente relacionados com associações presumidas com um estilo de vida, ou talvez conotações morais ligadas à homossexualidade), com os quais há alguma resistência de identificação.

Como foi descrito anteriormente, há algumas pessoas que não se sentem sexualmente atraídas (nem sentem repulsa) por nenhum dos sexos, mas que conseguem envolver-se mecanicamente na intimidade sexual. Tais indivíduos podem sentir uma amizade forte ou um certo nível de intimidade platônica com o seu parceiro, que acham atraente. No entanto, não existe atração erótica, nem repulsa sexual, que pode estar associada a atividades sexuais sem atração erótica. Pode haver atividade sexual para ir ao encontro das expectativas do parceiro ou das convenções sociais. Uma pessoa tecnicamente assexual em relação a outras pessoas pode ter uma sexualidade completamente ausente, ou uma sexualidade que não é direcionada para outras pessoas.

Alguns exemplos incluem homens cujas principais fantasias e preocupações sexuais eram imaginarem-se vestidos com roupas de mulher (*travestis fetichistas*) ou terem órgãos sexuais ou partes do corpo femininas (*autoginefilia*). Se um desses indivíduos passasse por mudança de sexo, a sua falta de atração erótica por outras pessoas, evidentemente, manter-se-ia. No entanto, da mesma forma que conseguiam passar mecanicamente por uma relação sexual antes da transição, podem conseguir continuar a fazê-lo, se bem que agora possam escolher envolver-se com um parceiro do sexo oposto ao seu novo sexo.

Como resultado, pareceria inicialmente que teriam experienciado uma mudança na sua sexualidade depois da mudança de género, mas a realidade para tais indivíduos assexuais é que a sua sexualidade não mudou de direção. Continua a ser ausente em relação a qualquer sexo, apesar de ser capaz de passar pelos processos mecânicos da relação sexual com o parceiro, mantendo uma relação e a aparência de uma sexualidade. Isto só se aplica, claro, a uma subpopulação das pessoas que avaliei na prática clínica. Há muitas que não se identificariam com esta descrição de todo, e para quem poderá ser imponderável manter a aparência de uma relação sexual na ausência de quaisquer sentimentos fortes de atração sexual.

Então, é pouco provável que a fonte de interesse sexual (se houver, sequer) mude depois da mudança de género. No entanto, é bem possível que a intensidade de desejo sexual reduza. Sabe-se que no sexo masculino, o desejo sexual, também conhecido como libido, reduz drasticamente depois da castração. Enquanto que a redução de desejo sexual e libido não é a razão para a castração nas cirurgias de mudança de sexo, é expectável que aconteça na mudança de sexo masculino para feminino, depois da castração química ou física. Para muitos, este é um efeito secundário do tratamento que estão preparados para aceitar. A redução significativa ou perda de desejo sexual é algo importante a ter em consideração pelos homens que procuram mudar de género por motivos sexuais.

Por vezes há confusão de diagnóstico entre clínicos não-especialistas no que toca a diferenciar pessoas que procuram mudar de sexo devido a situações de identidade de género e pessoas cuja fonte primária de excitação sexual é o travestismo (*travestismo fetichista*) ou a ideia fantasiada de eles próprios possuírem características femininas (*autoginefilia*).

O desejo sexual que motiva essas situações vai diminuir significativamente, ou até desaparecer, depois da castração química ou cirúrgica, e, como tal, é importante apurar se um impulso sexual é a motivação para procurar mudar de género. Um homem biológico que fisicamente muda de sexo apenas por propósitos motivados sexualmente vai experienciar perda de libido, pelo que deixará de se interessar pelo corpo transgénero que passou a ter. Estas situações motivadas sexualmente serão aprofundadas mais adiante.

## CAPÍTULO 3

### TRAVESTIS, *CROSS-DRESSERS*, DRAG QUEENS E DRAG KINGS

#### *CROSS-DRESSER*

Um “*cross-dresser*” é uma pessoa que passa tempo a adotar a aparência externa, normalmente através de roupa, que associa ao sexo oposto ao seu.

Este termo engloba todos os tipos de *cross-dressing* e não implica qualquer razão por detrás do comportamento. Não significa necessariamente que o *cross-dressing* é secundário em relação a qualquer identidade de género, excitação (sexual ou outra) ou satisfação de qualquer impulso para fazer *cross-dressing*, se bem que qualquer uma destas pode ser inserida nesta categoria ampla. O *cross-dressing* para propósitos de teatro, comédia e outras formas de representação incluem-se aqui.

Um travesti é um tipo de *cross-dresser*, especificamente uma pessoa que escolhe passar tempo vestida com roupas que ela mesma, ou a sociedade em que se insere, associa ao género oposto ao do seu sexo biológico. Não uso os termos “roupas sexuadas opostas” ou “roupas do sexo oposto”, uma vez que são imprecisos e falaciosos. As roupas, como é óbvio, não têm o seu próprio sexo ou género. A decisão de associar uma peça de roupa ao sexo masculino ou feminino é determinada pelas pessoas e o consenso percebido na sociedade de que fazem parte. Uma saia de xadrez pode ser vista como “feminina” em muitos contextos, mas ser considerada “masculina” quando usada por homens enquanto *kilt*. Umas calças de ganga regulares podem ser vistas como roupa de mulher se compradas numa loja de roupa de mulher, ou como roupa de homem se compradas numa loja de roupa de homem.

Os travestis podem fazer *cross-dressing* a tempo inteiro ou parcial. No último caso, podem também ser designados por “travestis de papel duplo”, o que significa que vivem e se vestem de acordo com diferentes papéis de género em diferentes alturas.

O prefixo “trans” da palavra inglesa “*transvestite*” (travesti) dá uma indicação da dependência desta atividade de um entendimento binário do género (“masculino/feminino”). O travestismo tem pouco significado quando é analisado em separado da sociedade em que acontece. Depende de um nível de rigidez nessa mesma sociedade em relação ao que é associado a cada um dos géneros. Enquanto que o termo “travesti” só se refere à prática de usar roupas normalmente associadas ao sexo oposto, é útil considerar diferentes tipos de travesti de acordo com o propósito do *cross-dressing*.

Dependendo das intenções do indivíduo em questão, o travestismo pode ser indicativo de um nível de rigidez em relação à compreensão de género ou, pelo contrário, uma expressão de género criativa e fluída.

Se a intenção por detrás do travestismo é integrar-se na sociedade como um membro do sexo oposto (“*passing*”), então tal indica a dependência de uma perceção mais rígida de sexo e género. Para pessoas assim, serem percecionadas como membros do género que lhes foi atribuído à nascença em vez de *passarem despercebidas* pode ser considerado um resultado altamente indesejável. Tais indivíduos poderão ter pouca confiança no seu sentido de identidade de género.

#### **EXEMPLO**

**Brian** nasceu rapaz e viveu como homem com amigos que só o conheciam como tal. Brian sabia que era homem e não se identificava como mulher, nem tinha qualquer desejo de viver como mulher permanentemente. No entanto, Brian gostava de passar períodos de tempo a usar roupas e maquilhagem que o faziam parecer uma mulher aos olhos das outras pessoas. A experiência de ser visto como uma mulher quando fazia *cross-dressing* em público era muito satisfatória para Brian, se bem que não de forma sexual. Brian esforçava-se muito com as suas roupas e maquilhagem para tentar parecer o mais convincentemente feminino possível. Brian tinha muito medo de ser visto como um homem ou um travesti enquanto andava em público a fazer *cross-dressing* e considerava que estava em “modo oculto”.

Para outros, a intenção pode não ser *passar* por um membro do sexo oposto. Neste caso, o objetivo é desafiar os pressupostos das outras pessoas em relação ao género. Estes indivíduos poderão ter mais confiança no seu próprio sentido de identidade de género em relação ao género que lhes foi atribuído à nascença, e o *cross-dressing* serve-lhes como uma afirmação criativa ou sociopolítica e para desafiar as pessoas em seu redor. Há vários nomes conhecidos na indústria do entretenimento que tem confiança na sua identidade e papel de género, cujo uso do *cross-dressing* serve para desafiar as noções preconceituosas que a sociedade poderá ter em relação ao género, e especialmente em relação a regras de género binárias, de forma criativa e instigante.

### EXEMPLO

**Derek** nasceu rapaz, identifica-se como tal e não sente qualquer infelicidade ou confusão em relação ao seu sentido de identidade de género masculina. Por vezes, quando sai, Derek gosta de usar vestidos compridos, sombra de olhos, rímel e batom, conjugados com botas de estilo militar até ao joelho e um bigode. Ele não tenta parecer feminino. A aparência que escolhe é a sua forma de desafiar as associações preconceituosas de género que vê na sociedade.

Outra sub-categoria de travesti pode querer ser vista como um membro do seu próprio sexo a usar roupas que normalmente são associadas ao sexo oposto. Enquanto que isto poderia ser considerado um resultado desfavorável e humilhante para outros travestis como os descritos acima, a perspetiva da humilhação de não *passar despercebido* é a principal fonte de prazer masoquista para este sub-grupo em particular. Sem surpresa, o masoquismo é a característica essencial nestes casos (como parte de uma sexualidade sadomasoquista) e o *cross-dressing* é meramente o meio de atingir tal humilhação e masoquismo.

### EXEMPLO

**James** nasceu rapaz e identifica-se como tal, não tendo qualquer desejo de viver como mulher ou de ser identificado como mulher. James tem prazer em fazer *cross-dressing* com roupas de mulher em público, no intuito de ser visto como um homem a vestir roupas de mulher. A humilhação é o aspeto deste processo que James considera satisfatório. Ao contrário dos travestis que se esforçam muito para agir sub-repticiamente e *passarem* por mulheres, James esforça-se para alcançar a descoberta humilhante e não *passar despercebido*. James descobriu que experienciava o maior nível de humilhação ao passar por escolas à hora da saída, o que ele considerava assustador e excitante ao mesmo tempo. Para além do seu travestismo, James também encontra prazer masoquista em outras atividades, como *bondage* e atividades sexuais sadomasoquistas com outras pessoas da cultura BDSM (*bondage* e disciplina, dominação e submissão, sadomasoquismo).

## TRAVESTISMO FETICHISTA

Um fetichista é alguém cujo desejo sexual deriva de um objeto inanimado (como sapatos), uma parte do corpo não-genital (como pés) ou uma atividade que não seja, normalmente, associada a atividades sexuais (como espirrar ou cozinhar). O “*travestismo*

*fetichista*” refere-se a pessoas que vestem roupas que associam ao sexo oposto de modo a alcançar excitação sexual.

O *cross-dressing* pode ser uma fonte de excitação sexual de formas diferentes. Por exemplo, há diferenças na dimensão em que a atividade é sexualmente excitante, variando das pessoas que usam o travestismo de vez em quando para apimentar a sua relação, àquelas cuja única preocupação sexual é o travestismo e que não são capazes de atingir a excitação sexual ou o orgasmo sem o mesmo. Estas últimas poderão ter mais dificuldade em formar relações íntimas longas e significativas com outra pessoa porque a sua principal fonte de excitação sexual não é o seu/sua parceiro/a, mas elas mesmas, enquanto travestidas. Qualquer parceiro/a assume o papel de acessório nesta atividade.

#### **EXEMPLO**

**Jack** nasceu homem e identifica-se como tal. É heterossexual e gosta de ter uma vida sexual variada com a sua mulher. Por vezes Jack gosta de usar as roupas da sua mulher durante o sexo e ela facilita esta atividade. Jack consegue sentir prazer do sexo quando não há elementos de travestismo e o mesmo não é necessário para que ele desempenhe a atividade sexual. Como tal, só acontece nalgumas ocasiões.

**Geoff** nasceu homem e identifica-se como tal. Geoff é um travesti fetichista e obtém excitação sexual do travestismo, tanto sozinho como quando se apresenta em público travestido. Todas as suas fantasias sexuais envolvem vestir-se com roupas de mulher.

É capaz de ter relações sexuais com mulheres, mas a única fonte de excitação sexual para Geoff é usar roupas de mulher. Nas suas relações com mulheres, Geoff espera umas semanas antes sugerir às suas parceiras a ideia de ele usar algum tipo de roupa de mulher durante o sexo. Normalmente, as suas parceiras começam por achar esta sugestão divertida e intrigante. Algumas até a acham excitante. Depois de um tempo, Geoff costuma insistir em usar roupas de mulher durante o sexo e as suas parceiras passam a achar que aquilo que de início era uma novidade fora do comum já não lhes interessa.

Sentem ainda que, durante o sexo, Geoff parece estar muito mais excitado pelo seu próprio travestismo do que pela parceira, que começa a sentir-se secundária. Como tal, as relações de Geoff não até à data não têm durado muito, o que é frustrante para ele.

Para alguns travestis fetichistas, a fonte principal de excitação sexual é a própria roupa e não a ação de a usar no seu corpo. Esta categoria pode ainda ser subdividida nas pessoas que se sentem sexualmente atraídas pelas peças de roupa, e outras que se sentem sexualmente atraídas pelo material, por exemplo a textura do tecido. Outras sentem-se excitadas pelo toque do tecido nos seus corpos. Muitas pessoas mencionam a sensação de collants de nylon na pele das pernas. O que também observei no meu trabalho clínico foi que cada pessoa era normalmente consistente em termos de que componente achava sexualmente estimulante.

#### **EXEMPLO**

**Clive** é um homem de 58 anos que, desde a sua adolescência, tem um interesse ávido por meias de mulher. Lembra-se, da sua infância, das meias da sua mãe e de como ela as puxava pelas pernas acima quando se preparava de manhã. Em adolescente, experimentou as meias da mãe e percebeu que ficava sexualmente excitado ao fazê-lo. A textura da meia contra a sua pele e o som e toque à medida que as calçava tornaram-se uma fonte de excitação sexual para Clive, e continua a ser a sua fonte principal de excitação sexual até hoje.

**Tabela 1: Diferentes tipos de travestismo fetichista (mais do que um pode aplicar-se a qualquer indivíduo)**

---

*Cross-dressing* como fonte de excitação sexual, em conjunto com outras fontes de excitação sexual não fetichista

---

*Cross-dressing* como fonte única de excitação sexual

---

Aspetos do tecido da roupa causam excitação sexual

---

Itens de roupa específicos causam excitação sexual

---

Excitação sexual derivada da sensação das roupas na pele enquanto são usadas

---

Excitação sexual derivada da fantasia do indivíduo como membro do sexo oposto quando faz *cross-dressing*

---

Excitação sexual derivada da ideia do indivíduo como membro do seu sexo biológico (i.e., ser homem) a vestir roupas associadas ao sexo oposto (roupas de mulher)

---

Excitação sexual derivada de *passar despercebido* como membro do sexo oposto enquanto faz *cross-dressing*

---

Excitação sexual derivada do elemento de risco de poder ou não *passar despercebido*

---

Excitação sexual derivada da hipótese de ser humilhado por ser visto como alguém a usar roupas associadas ao sexo oposto em público (uma forma de masoquismo).

---

Passando o foco das roupas para a pessoa em si, a próxima categoria de travesti fetichista engloba as pessoas para quem o ato físico de fazer *cross-dressing* facilita uma fantasia sexual relativa a si próprias enquanto indivíduos ou como se veem a si mesmas. Para algumas pessoas, facilita a fantasia de si mesmas como membros do sexo oposto, sendo esta a fonte de excitação sexual. Nestes indivíduos, há sobreposição com *autoginefilia* e *autoandrofilia*. Os termos serão explicados mais adiante nesta mesma secção.

#### **EXEMPLO**

**Daniel** é um homem de 44 anos. Começou a fazer *cross-dressing* quando era criança, ao usar a roupa interior da sua mãe quando ficava sozinho em casa. Enquanto adulto, continua a gostar de usar roupa interior de mulher, especialmente cuecas, meias e ligas. Fica de costas para o espelho e depois espreita por cima do ombro para a imagem refletida das suas costas.

Ao fazer isto, Daniel é capaz de ver uma imagem de si mesmo de costas, a usar roupa interior de mulher, sem qualquer indício do seu peito ou genitais masculinos. Desta forma, consegue imaginar-se como mulher, o que acha sexualmente excitante. Enquanto que a sua excitação sexual e masturbação acontecem na parte da frente do seu corpo, tal não se vê na imagem ao espelho e Daniel consegue mantê-lo separado da imagem que o excita.

No entanto, para outras pessoas, pode suceder o oposto. A intenção por detrás do *cross-dressing* pode ser reforçar a aparência do sexo do indivíduo. Um exemplo disto é um homem que ultrapassa os seus sentimentos de inadequação no seu papel de género masculino através do *cross-dressing*. Acha que vestir “roupas de mulher” o faz parecer “obviamente masculino”, o que não só o tranquiliza, mas também se torna uma fonte de satisfação e recompensa sexual.

É claro que o *cross-dressing* pode ser praticado por homens ou mulheres. Roupa que identificamos como “feminina” pode, normalmente, ser mais fácil de identificar como tal, enquanto que roupas que podemos considerar como tipicamente “masculinas” poderão ser menos óbvias. Por exemplo, uma mulher a usar um fato poderá ser menos visivelmente desafiante das barreiras de género do que um homem a usar um vestido.

Como tal, poderá haver mais flexibilidade para uma mulher que tenha satisfação em sentir que está, até certo ponto, a adotar um visual “masculino” ao mesmo tempo que consegue ser menos conspícua. Por isso, embora o *cross-dressing* ocorra em homens e mulheres, temos tendência a reparar mais nele nos homens.

#### **EXEMPLO**

**Cecil** é um homem de 29 anos. Sabe que é homem e identifica-se como tal. Enquanto criança, era vítima de *bullying* na escola devido à sua estatura frágil e por não ter muito interesse em brincar com os outros rapazes. As outras crianças chamavam-lhe “gay”, embora Cecil soubesse que não se sentia sexualmente interessado por rapazes. As outras crianças insultavam-no com nomes como “Mariquinhas” ou “Pedófilo”. Cecil desenvolveu alguma insegurança em relação ao modo como as outras pessoas percecionavam o seu género. Cecil nunca teve muito pelo facial, mas em adulto preferia deixar a barba por fazer. Em certas ocasiões, gosta de usar um vestido de mangas curtas em público, para mostrar os seus braços peludos, e com bainha curta, para mostrar as pernas peludas. Quando usa o vestido em público, a sua intenção não é *passar* por mulher, mas de facto o oposto. Cecil procura que as pessoas à sua volta o identifiquem como um homem a usar um vestido e, como tal, “definitivamente um homem”.

Cecil não só considera este processo de reafirmação do seu género masculino um alívio, mas, com o tempo, também uma atividade sexualmente excitante.

Passando para o domínio interpessoal, as próximas categorias de travestismo fetichista encontram excitação sexual no efeito que o seu *cross-dressing* tem nas pessoas que as observam. Para alguns, a excitação pode advir de *passar* por um membro do sexo oposto ao fazer *cross-dressing* em público. A sua satisfação deriva da ideia de que, na mente da outra pessoa, existiu como um membro do sexo oposto, mesmo que apenas por breves momentos. Para outros, é o elemento de risco de não saber se irão ou não *passar despercebidos* que lhes dá adrenalina, o que se torna sexualmente excitante.

Durante os anos 70 do século passado, o psicanalista Mervyn Glasser sugeriu que a causa de excitação em homens com travestismo fetichista vinha de um sentimento de triunfo sobre uma mãe que teria sido vista como claustrofóbica e sufocante durante a infância. Propôs a hipótese de que, depois de uma vida inteira a sentir-se incapaz de escapar a uma figura maternal controladora e sempre presente, o homem adulto encontrava uma forma física de dominar a sua claustrofobia de infância ao literalmente

“vesti-la e despi-la de livre vontade”, representando-a com roupas de mulher. Sugeriu que a descoberta deste sentimento novo de controlo simbólico sobre a mãe é um alívio tão grande que a excitação derivada desta atividade triunfante se torna sexualmente excitante.

Esta ideia tem sido a base de muitos romances e filmes, e é usada no filme *Psico* (1960) de Alfred Hitchcock, bem como no filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991). Este modelo proposto pode ser encontrado, certamente, nalguns travestis fetichistas (e já avalei numerosos pacientes que têm dado esta definição de si mesmos). Não é, no entanto, uma fórmula universal, e espero que esta secção tenha demonstrado a complexidade e diversidade do fenómeno.

### ***DRAG KINGS E DRAG QUEENS***

Uma *drag queen* é um homem que, por propósitos de entretenimento ou comédia, adota as características externas, roupas e parafernália normalmente associadas ao género feminino, de forma extrema e exagerada. A roupa é extravagante, a maquilhagem excessiva e a aparência é, no geral, grandiosa.

Um *drag king* é uma mulher que, do mesmo modo, se veste com roupas e parafernália associadas ao género masculino, adotando, muitas vezes, temas do género masculino marcadamente estereotipados, como o *cowboy* do Faroeste, roupa de lenhador, e barbas falsas proeminentes.

É importante distinguir como o conceito de “*drag*” difere do “travestismo”. Enquanto que o travestismo costuma envolver tentativas do indivíduo para se conformar com e cumprir os papéis de género estabelecidos, o *drag* procura desafiar preconceitos relacionados com o género.

Um travesti masculino poderá utilizar uma peruca e um vestido na sua tentativa de se integrar, porque acredita que estes objetos são do domínio da feminilidade. Uma *drag queen* usará os mesmos adornos com a intenção de mostrar ao público, de forma teatral, que aqueles adereços, por si sós, não o tornam uma mulher.

Judith Butler descreve no seu livro *Gender Trouble* que é quase como se a *drag queen* dissesse provocatoriamente à sociedade “então achas que isto é feminino?”. No passado, os psicanalistas não diferenciavam entre travestis e *drag queens/kings*. Alguns foram até ao ponto de sugerirem que são um ataque inconsciente ao sexo oposto.

Pessoalmente, discordo. Acredito que o *drag* não é dirigido aos membros do sexo sugerido pela roupa usada pelo indivíduo, mas sim uma comunicação com a própria sociedade. O *drag* procura fazer uma paródia do que a sociedade acredita ser o domínio

de qualquer dos géneros, de modo a fazer-nos perceber o quão ténues e ridículos estes construtos são. Uma *drag queen* pode ter todos os acessórios e parafernália que a sociedade usa para determinar a feminilidade, mas o resultado não ser feminino de todo. O *drag* é uma representação subversiva criativa que convida o público a questionar as estruturas de género. Pode ser visto talvez como um contraste com a maneira como o travestismo subscreve e se conforma cegamente a tais estruturas.

## CAPÍTULO 4

### AUTOGINEFILIA: OS HOMENS QUE QUEREM VAGINAS

Autoginefilia é uma situação em que um homem se sente sexualmente excitado pela fantasia de ter características físicas femininas. Vem do grego antigo **auto** (o mesmo) **gynae** (mulher) **philia** (amor por) = o amor por si mesmo enquanto mulher. O sexólogo americano-canadiano Ray Blanchard descreveu esta situação pela primeira vez em 1989. Tal como muito do que tem sido escrito acerca da complexidade de diagnóstico de indivíduos *trans*, também o conceito de autoginefilia tem sido controverso. Muitos clínicos apoiam-no como uma descrição que tem relevância para alguns indivíduos, enquanto que algumas pessoas colocam fortes objeções ao mesmo. A autoginefilia surge como uma subcategoria de transtorno travéstico no DSM-5.

Tal como com o travestismo fetichista, a autoginefilia é um fenómeno sexualmente motivado. Enquanto que roupas femininas são a fonte de excitação sexual no travestismo fetichista, na autoginefilia é a fantasia de ter características físicas femininas. O autoginófilo pode diferir de uma mulher transexual em termos de identidade de género primária. Enquanto que a mulher transsexual (a quem foi atribuído o género masculino à nascença) se poderá identificar com o género feminino, o autoginófilo poderá identificar-se como homem, mas sentir-se sexualmente atraído pela fantasia de ter atributos corporais femininos, como seios grandes ou genitais femininos. Poderá haver uma sobreposição com o travestismo fetichista, no sentido em que o travestismo poderá ser empregue para apoiar a fantasia sexual autodirigida de ter um corpo feminino.

Alguns homens que se enquadram na descrição da autoginefilia podem ser erroneamente diagnosticados (por si mesmos ou por não-especialistas) como sendo transsexuais, e são por isso propostos para cirurgia de reatribuição sexual. O risco da cirurgia de reatribuição sexual genital nestes casos é a perda da libido sexual que se segue à castração, acompanhada por perda de interesse pela neovagina instalada no lugar dos antigos genitais masculinos. Alguns indivíduos com autoginefilia decidem manter os seus genitais masculinos e optam por desenvolver uma forma de corpo feminina e tecido mamário através de terapia hormonal. Tais indivíduos têm sido coloquialmente referidos como “*she-males*” [homens-fêmea], devido aos atributos físicos relacionados tanto com homens como com mulheres. Se bem que já tenha tido pacientes que se identificam com esta denominação, o termo é compreensivelmente ofensivo para muitos deles.

## **NOTA CAUTELAR: INTERVENÇÕES FÍSICAS DE REATRIBUIÇÃO DE GÉNERO PARA TRAVESTISMO FETICHISTA E AUTOGINEFILIA**

Travestismo, travestismo fetichista e autoginefilia são muitas vezes erroneamente confundidos com ser-se transgénero. O indivíduo em questão está ciente de que tem interesse em usar roupas que associa ao género oposto ou deseja ter características corporais femininas. Após algum autodiagnóstico e pesquisa na internet muitas vezes presume que esta preocupação com roupas ou com o corpo do sexo oposto sugere que é transgénero, e o indivíduo pode apresentar-se como tal ao seu médico e pedir a reatribuição de género. Enquanto que a transsexualidade e intervenções físicas de reatribuição sexual são amplamente conhecidas por médicos de todas as especialidades, normalmente apenas especialistas da área estão cientes e têm conhecimento de outros diagnósticos de travestismo fetichista e autoginefilia. Parte do processo de avaliação pelos serviços de género especializados consiste em determinar a razão por detrás do pedido da pessoa para ser submetida a reatribuição sexual física.

Por vezes, infelizmente, as pessoas escolhem evitar os serviços de género especializados e compram uma resposta rápida a cirurgiões dispostos a fazer cirurgia de reatribuição de género. Conheci vários pacientes que foram encaminhados para psicoterapia depois de se submeterem a cirurgia de reatribuição de género, a qual já não queriam depois de esta ter acontecido. Muitas destas pessoas tinham decidido que precisavam de cirurgia de reatribuição de género e marcaram-na (por norma no sector privado, ou num outro país), arrependendo-se da decisão ao acordarem da anestesia. Com demasiada frequência há uma história de desejo de mudança de sexo por razões sexuais, secundária em relação ao travestismo fetichista ou à autoginefilia, mas a libido que impulsiona este desejo desaparece depois da componente de castração da reatribuição de género. Resultado: a pessoa acorda da cirurgia sem qualquer desejo de ter a neovagina que substitui agora os genitais masculinos que tinham antes.

### **EXEMPLO DE CASO DE AUTOGINEFILIA: SR. X**

O Sr. X é um homem de meia idade, casado e com filhos. Tem uma aparência masculina banal e identifica-se como homem. Durante muitos anos, o Sr. X estava ciente, assim como a sua esposa, da excitação sexual que tinha ao imaginar-se a si mesmo como mulher enquanto fazia *cross-dressing*. No início da sua relação, isto era incorporado nas suas relações sexuais. O Sr. X usava parafernália que associava ao género feminino, como saltos altos ou roupa interior de mulher. O Sr. X descobriu pornografia “*she-male*” na internet e começou a passar cada vez mais tempo a olhar para fotografias de homens com corpos femininos e seios, mas que mantinham os genitais masculinos, ou de homens com neovaginas. A sua excitação ao ver o material pornográfico estava ligada à sua fantasia de se imaginar com seios ou vagina de mulher. O Sr. X discutiu estes pensamentos contínuos e fantasias com a sua esposa. Juntos concluíram que, visto que o Sr. X fantasiava em ter um corpo feminino há tanto tempo, deveria ser transgénero, e a sua esposa decidiu apoiá-lo na procura de cirurgia de reatribuição de género.

O Sr. X decidiu não passar por uma clínica de identidade de género do sistema de saúde pública, uma vez que isto implicaria um processo moroso de viver no papel de género oposto antes do tratamento hormonal, e, por fim, a cirurgia de reatribuição sexual. Em vez disso, o Sr. X e a sua mulher viajaram para o Extremo Oriente, onde o Sr. X marcou uma cirurgia de reatribuição de género com um cirurgião disposto a tal.

A cirurgia de reatribuição de género aos genitais do Sr. X incluiu castração e a criação de um espaço neovaginal. Imediatamente depois da castração, o Sr. X perdeu o seu desejo sexual e libido. Apercebeu-se de que apesar da sua excitação perante a hipótese de obter genitais de aparência feminina antes da cirurgia, nunca se identificara como mulher, embora sentisse excitação sexual com a fantasia de ser mulher. Posteriormente, desenvolveu uma depressão profunda por causa da cirurgia.

O Sr. X continuou a viver no papel de género masculino e sentia-se profundamente arrependido e envergonhado da neovagina que tinha no lugar dos seus anteriores genitais masculinos. Foi encaminhado para psicoterapia por causa da sua depressão e confusão, derivadas da mudança de desejo em relação ao seu corpo, género e desejos sexuais. Uma avaliação cuidada numa fase inicial poderia ter facilitado o diagnóstico e impedido que o Sr. X escolhesse submeter-se a uma intervenção cirúrgica que não era apropriada à sua apresentação de género em particular.

## **AUTOANDROFILIA**

Enquanto que a autoginefilia, como já foi descrito, é a fantasia, em homens, de terem atributos corporais femininos, a autoandrofilia refere-se a mulheres que se sentem sexualmente excitadas com a fantasia de terem atributos corporais masculinos.

## CAPÍTULO 5

### HOMENS TRANS (FTM<sup>1</sup>)

Assim como alguns homens acreditam que as suas vidas seriam melhores se fossem mulheres, também algumas mulheres acreditam que deveriam ter nascido homens. Investigações anteriores sugerem que ser transgênero é três vezes menos comum em pessoas do sexo feminino. Uma possibilidade que poderá contribuir para a diferença de prevalência é que, em muitas sociedades, é mais fácil para as mulheres adaptarem o seu papel de gênero de forma mais masculina do que é para os homens adotarem um papel mais “feminino”. As mulheres usam fatos-calça desde os inícios do século XX e as “mulheres poderosas”, “marias-rapaz” e “machonas” integram-se na sociedade sem que a sua identidade de gênero seja questionada mais facilmente do que homens que usam vestidos. É possível que para muitas mulheres seja suficiente adotar um papel que consideram mais “masculino” enquanto ocupam a sua identidade de gênero feminina, e que, para elas, não seja necessária uma transição física de gênero mais extrema e visível.

Para as pessoas que decidem que precisam de uma mudança física de sexo, os meios físicos de mudança corporal envolvem hormonas e cirurgia, tal como em transsexuais MTF<sup>2</sup>. O adicionar de hormonas masculinizadoras resulta no engrossamento da voz, traços mais grosseiros, pelo facial e a possibilidade de calvície masculina. A cirurgia pode incluir a remoção de tecido mamário via mastectomia, a remoção dos órgãos reprodutivos femininos e, para quem assim o deseja, a criação de um neofalo que imita a aparência física de um pênis.

Muitos transsexuais pós-operatórios FTM têm facilidade em *passar* por homens à primeira vista. Os efeitos virilizadores das hormonas masculinas, juntamente com a decisão frequente de manter o pelo facial, deixam pouca evidência do anterior sexo feminino subjacente. Há então um contraste com as transsexuais pós-operatórias MTF que, muitas vezes, consideram que o adicionar de hormonas femininas não é suficiente para mascarar os sinais de masculinidade, como por exemplo traços grosseiros e largos, voz grossa e pelo facial.

Enquanto que, depois da operação, os genitais de uma transsexual MTF podem ser difíceis de distinguir dos de uma mulher cisgênero quando examinados, o mesmo não acontece com transsexuais FTM. Um falo construído artificialmente (faloplastia) é feito a partir de um tubo de tecido redistribuído da área do antebraço, ou tecido abdominal, ou

---

<sup>1</sup> FTM – sigla inglesa que significa “female to male” (do feminino ao masculino).

<sup>2</sup> MTF – sigla inglesa que significa “male to female” (do masculino ao feminino).

(raramente) de tecido das costas. Se bem que o tecido seja organizado num tubo para imitar a aparência de um pênis, algumas pessoas consideram que o resultado final não tem uma relação convincente com um verdadeiro pênis, embora as técnicas cirúrgicas estejam sempre a ser melhoradas. O tecido não tem função erétil, mas algumas pessoas podem optar por adquirir um dispositivo curvável que endurece, ou colocar uma bomba no escroto artificial, através da qual se pode encher o neofalo manualmente, de modo a simular uma ereção. Devido às limitações da cirurgia genital FTM em termos de aparência e funcionalidade, muitos transsexuais FTM optam por não se submeter à faloplastia. As hormonas masculinizadoras aumentam o tamanho do clitóris, o que é satisfatório para muitos transsexuais MTF.

Andrew Ives, um cirurgião líder na cirurgia de reatribuição de género na Austrália forneceu uma descrição detalhada de procedimentos cirúrgicos MTF e FTM e ilustrações no capítulo 14 deste livro.

## 6. Análise Crítica da Tradução

Na sua obra *Introducing translation studies: theories and applications*, Munday (2016: 115) adapta e resume as ideias de Reiss no que toca aos diferentes tipos de texto. Encontramos as categorias de texto informativo, expressivo e operativo. O texto trabalhado no contexto deste trabalho de projeto é categorizável como sendo informativo, uma vez que a linguagem tem o propósito de representar objetos e factos, possui uma dimensão lógica e foca-se primariamente no conteúdo. Assim, propõe-se que a sua tradução transmita inteiramente o conteúdo referencial e conceptual do texto de partida. Pretende-se, pois, a realização de uma tradução em prosa, sem redundância, e com a inclusão de explicitações sempre que necessário. Foram estas as principais orientações levadas em conta na execução da tradução.

A presente análise assume uma dimensão descritiva do processo tradutório, o qual decorreu à luz dos critérios gerais de base acima enunciados, não tendo sido seguidos parâmetros prescritivos específicos. Procurou-se elaborar uma tradução dinâmica que sirva o propósito visado e sem restrições impostas *a priori*. Avaliam-se também as dificuldades encontradas; cada uma foi encarada como única e foram procuradas soluções criativas e eficazes para as contornar de forma eficaz.

O primeiro problema encarado foi a definição de um público alvo. Assim como a obra original, esta tradução não tem um público alvo muito específico. Bem pelo contrário, serve como introdução à temática de identidades *trans* e disforia de género e pretende-se que seja acessível a qualquer leitor que, potencialmente, tenha interesse no tópico. Assim, procurou-se produzir um texto de chegada que, tal como o texto de partida, seja compreensível o suficiente para o público em geral, mas também para leitores especializados, de modo a servir como ponto de partida para peritos nas áreas da medicina e da psicologia.

Uma das principais dificuldades que este trabalho de projeto apresentou foi não só em termos de tradução, mas desde logo no que diz à escolha da sigla LGBTI, dada a existência e uso de variantes (como LGBT, LGBTQ+, LGBTQIA, etc.). Esta sigla foi selecionada uma vez que é a usada pela Associação ILGA Portugal, uma das associações LGBTI de maior destaque neste país.

No corpo do texto de partida são empregues muitos termos especializados referentes à área da medicina e da psicologia (como “gender dysphoria”, “autogynaephilia” e “orchidectomy”). A área da saúde e da psicologia de identidades

*trans* não está ainda muito desenvolvida em Portugal e a bibliografia relativa à mesma, em português europeu, original ou traduzida, é bastante reduzida. Desta forma, houve dificuldade em encontrar fontes fiáveis para consulta de terminologia. Assim, para garantir a exatidão e qualidade da tradução, deu-se especial atenção à procura de informação em diversas fontes, e todos os termos especializados foram consultados na quinta edição do *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*, em dicionários e glossários de medicina, relatórios médicos e trabalhos de campo, mediante contacto com profissionais da área da medicina e da psicologia e com pessoas *trans*.

O termo “*cross-dresser*” mostrou-se particularmente desafiante, porque não existe nenhum equivalente direto do mesmo em português europeu. Foi considerada a utilização do termo “transformista”. Porém, este implica intuítos profissionais ou comerciais, enquanto que no texto de partida “*cross-dressing*” é usado como um termo geral que inclui qualquer pessoa que vista roupas que não são convencionalmente associadas ao seu sexo, independentemente da motivação ou finalidade. Assim, optou-se pela utilização do termo “*cross-dresser*” de forma a manter a abrangência pretendida.

Dito isto, colocou-se a dificuldade em definir que termos deveriam ser apresentados em itálico, quando se trata de empréstimos. Optou-se por não italicizar termos que já estão normalizados na língua portuguesa (como “gay”) e italicizar aqueles que ainda não se encontram tão enraizados na língua (como “*trans*” e “*cross-dresser*”).

Um problema de vulto em toda a secção traduzida prende-se com o emprego do termo “condition” no texto de partida. Este termo, em inglês, pode ser considerado relativamente ambíguo, sendo que se pode referir ao estado físico ou de saúde de uma pessoa, sem implicar, necessariamente, uma patologia. No português europeu não existe um termo que seja diretamente equivalente. Dito isto, e considerando os esforços da comunidade LGBTI internacional para afastar a conotação de patologia das identidades de género *trans*, como referido no próprio texto de partida (Hakeem, 2018: 20), pretendeu-se, pois, recriar o texto em português europeu sem recorrer a termos que possam apontar para a ideia de patologia, sem sacrificar a informação transmitida. Sugerem-se para este caso as seguintes soluções:

**Texto de Partida**<sup>1</sup>: It is estimated that approximately 1 in 200 babies are born with an intersex **condition**. (Anexo 1, p. 10)

---

<sup>1</sup> Doravante abreviado como “TP”.

**Texto de Chegada**<sup>1</sup>: Estima-se que aproximadamente 1 em cada 200 bebês nasce intersexo. (p. 10)

**TP**: The end result differs in accordance to the **exact type of intersex condition**. (Anexo 1, p. 10)

**TC**: O resultado final difere de acordo com a **tipologia exata de intersexo**. (p. 10)

**TP**: Historically, people **born with intersex conditions** have been raised either in the male or female role. (Anexo 1, p. 10)

**TC**: Historicamente, as pessoas que **nascem intersexo** têm sido educadas de acordo com o papel masculino ou o feminino. (p. 10)

**TP**: While gender is absent from the term, a conflict between one’s gender identity and physical sex are necessary for the **condition**. (Anexo 1, p. 16)

**TC**: Enquanto que gênero não está presente no termo, é necessário um conflito entre a identidade de gênero e sexo físico da pessoa para **se ser transsexual**. (p. 16)

**TP**: The term is perhaps more useful than transsexual in that it at least includes reference to ‘gender’ which is at the core of the **condition** and the person’s relationship to it. (Anexo 1, p. 19)

**TC**: O termo talvez possa ser mais útil que “transsexual”, uma vez que, pelo menos, faz referência a “gênero”, o que é central na **situação** e na relação da pessoa com a mesma. (p. 19)

Outro fator relevante que se apresentou como problema de tradução foi a falta de pronomes de gênero neutro na língua portuguesa. Embora não seja o caso nos exemplos apresentados da obra trabalhada, muitas vezes as pessoas que se identificam como *gender queer* escolhem utilizar pronomes de gênero neutro (em inglês *they* e *them*). No entanto, numa tentativa de promover a congruência de identidade e linguagem, escolheu-se omitir os pronomes nestes casos, evitando atribuir pronomes masculinos a alguém que não se identifica com a masculinidade e promovendo também a fluidez do texto.

---

<sup>1</sup> Doravante abreviado como “TC”.

**TP:** We've already talked about Xave. **He** was born a male but later increasingly identified as gender-queer as **he** didn't feel **he** could identify with a binary gender framework. (Anexo 1, p. 22)

**TC:** Já falámos sobre Xave. Nasceu rapaz, mas cada vez mais se foi identificando como *gender queer* porque sentia que não se conseguia identificar com uma estrutura de género binária. (p. 23)

Encontramos, também, casos em que uma mulher *trans* é mencionada usando pronomes masculinos aquando da sua vida pré-transição. É importante considerar que muitas pessoas *trans* consideram ofensiva a utilização de pronomes de género incongruentes com o género da pessoa, mesmo que se refiram à sua etapa de pré-transição. Dito isto, procurou-se, sempre que possível, omitir também quaisquer pronomes como forma de prevenir situações consideradas ofensivas, sem sacrificar a informação contida no texto original.

**TP:** Justin was born male. In **his** twenties, **he** increasingly identified with a female gender role. When he was 29, **he** decided to live in the female gender role and changed **his** name to Justine. (Anexo 1, p. 17)

**TC:** Justin nasceu rapaz. Aos vinte e poucos anos, cada vez mais se identificava com um papel de género feminino. Aos 29 anos, decidiu viver num papel de género feminino e mudou o **seu** nome para Justine. (p. 17)

Um outro problema encontrado foi a atribuição de “gender-neutral” à identidade de uma pessoa. Habitualmente, a neutralidade de género é utilizada para caracterizar algo que não remeta para nenhum género em específico, sendo que relativamente a identidades de pessoas se utilizam termos como “gender queer” ou “non-binary”. Assim procurou-se contornar esta situação sem remover a ideia implícita no texto original.

**TP:** As she got older she increasingly identified herself as **gender-neutral**. (Anexo 1, p.12)

**TC:** Ao crescer, identificou-se cada vez mais com **a neutralidade de género**. (p. 12)

No texto original encontramos várias vezes o emprego do termo “biological”. Este é um tópico controverso e deve ser tratado com sensibilidade. Vincent (2018: 34) explora esta situação e indica “biological” como um termo a evitar:

(...) these phrases oversimplify biological concepts to the detriment of trans people. Gender identity is not ‘choice’ in the same way that one might choose what to eat or what to wear. Gender identity formation occurs through processes within the brain, even if the anatomical and psychological details are often unknown and will not necessarily be the same in all trans people. These ingredients in the development of minority gender experiences are biological, and may be regarded as creating *predispositions* to a particular gender identity, but outcomes are also moulded and modified by other personality characteristics and, importantly, the individual’s interactions with their social and cultural environments.

When the terms ‘biological male/female’ are used, it creates an unjustified and unscientific hierarchy between the validity of some biological factors over others and may, in a sense, position the trans person’s (biologically determined) identity as invalid and ‘not real’. We live in a society that prioritises the appearance of the genitalia at birth, and while it is true that in the majority of the population this is a strong indicator of the gender identity – it is also the case that such ‘congruence’ is not universal.

A ONG norte-americana GLAAD, cujo propósito é a monitorização da forma como os media retratam pessoas LGBTI, também explora este tópico na 10ª edição do *GLAAD Media Reference Guide* (2016: 14):

Problematic phrases like those above are reductive and over-simplify a very complex subject. As mentioned above, a person’s sex is determined by a number of factors – nor simply genetics – and a person’s biology does not “trump” a person’s gender identity.

Tendo esta informação em mente, evitou-se a utilização de termos como “biológico” na tradução em contextos que possam ser vistos como insensíveis ou ofensivos. O problema foi contornado através da utilização de formas e terminologia diferentes, sem sacrificar a informação transmitida.

**TP:** Whilst on close inspection Paul’s new penis does not look or function exactly like a **biological male penis** and his artificial testes do not produce sperm, Paul is very satisfied with the result. (Anexo 1, p. 19)

**TC:** Embora num exame atento o novo pénis de Paul não se pareça nem funcione exatamente como **o pénis de um homem cisgénero** e os seus testículos artificiais não produzam esperma, Paul está muito satisfeito com o resultado. (p. 18)

No caso descrito acima, procedeu-se à utilização do termo “cisgénero”, presente na obra estudada e explicitado também no glossário elaborado relativo à secção traduzida da obra (consultar Anexo 2).

**TP:** Cisgender is the term increasingly used by those in the transgender community when referring to non-trans people, i.e. individuals without a gender dysphoria, whose gender identity corresponds with their **biological sex at birth**. (Anexo 1, p. 19)

**TC:** Cisgénero é um termo cada vez mais usado pelas pessoas da comunidade transgénero para se referirem a pessoas que não são *trans*, isto é, indivíduos sem disforia de género, cuja identidade de género corresponde ao **género que lhes foi atribuído à nascença**. (p. 19)

**TP:** This literally implies a gender identity which is not in accordance with one’s **biological sex**, rather than necessarily an implication of what the gender identity is. (Anexo 1, p. 20)

**TC:** Literalmente, isto implica uma identidade de género que não está de acordo com o **género atribuído à nascença**, em vez de necessariamente implicar qual é a identidade de género. (p. 19)

Nos exemplos acima transcritos, foi tido em consideração o guia estilístico da ONG GLAAD (2016: 14). Este sugere que termos como “biologically male” sejam substituídos por termos como “assigned male at birth”. Isto levou-nos a adaptar o termo para português e a explorar o conceito de género atribuído à nascença – tradicionalmente visto como “sexo biológico”.

**TP:** The changes towards gender dysphoria and gender incongruence will enable persons who are identifying with a **different gender from their biological sex** (but not necessarily the opposite sex) to be included. (Anexo 1, p. 20)

**TC:** As mudanças para “disforia de género” e “incongruência de género” vão possibilitar a inclusão de pessoas que se identificam com um **género diferente daquele associado ao seu sexo** (mas não necessariamente o que é associado sexo oposto). (p. 20)

**TP:** Another sub-category of transvestite may hope to be perceived as members of their **biological sex** in clothing usually associated with the opposite sex. (Anexo 1, p. 28)

**TC:** Outra sub-categoria de travesti pode querer ser vista como um membro do **seu próprio sexo** a usar roupas que normalmente são associadas ao sexo oposto. (p. 28)

Em determinadas partes do texto de partida são encontrados termos que não têm necessariamente equivalentes diretos no português europeu. Nesses casos, o texto foi adaptado de forma a incluir referentes culturais portugueses que possam ser tidos como paralelos aos encontrados no texto de partida, mesmo que possam ser vistos como tabu, uma vez que os termos empregues no texto de partida também o poderão ser.

**TP:** Other children taunted him with names such as ‘**Big Girl’s Blouse**’ or ‘**Nonce**’ (Anexo 1, p. 33)

**TC:** As outras crianças insultavam-no com nomes como “**Mariquinhas**” ou “**Pedófilo**”. (p. 32)

**TP:** Women have been wearing trouser suits since the early 20<sup>th</sup> century and ‘**power women**’, ‘**tom-boys**’ and ‘**ladettes**’ blend more into our society (...) (Anexo 1, p. 40)

**TC:** As mulheres usam fatos desde os inícios do século XX e as “**mulheres poderosas**”, “**marias-rapaz**” e “**machonas**” enquadram-se na sociedade (...) (p. 39)

É ainda de notar o emprego de expressões idiomáticas e construções frásicas que não existem no português europeu e que necessitaram de ser adaptadas. Nestes casos, procedeu-se também a uma adaptação do texto, de modo a transmitir a informação explicitada no texto original através de outras palavras.

**TP:** although there are **no hard and fast rules** about this (Anexo 1, p. 23)

**TC:** embora **hipoteticamente não seja impossível** (p. 23)

**TP:** I believe that drag is not aimed at members of the sex individuals are  **dressing up as** (...) (Anexo 1, p. 35)

**TC:** Acredito que o *drag* não é dirigido aos membros do sexo **sugerido pela roupa usada** pelo indivíduo (...) (p. 33)

Tendo em consideração que o propósito deste trabalho de projeto é expandir uma área em desenvolvimento e propagar informação e conhecimento, foi elaborado um glossário com vários termos relacionados com a temática LGBTI, com base na secção traduzida da obra. O mesmo pode ser consultado no Anexo 2.

## 7. Considerações Finais

A falta de informação é um problema que pode inibir qualquer causa, independentemente da sua natureza. No que toca à temática LGBTI em Portugal, há ainda muitas lacunas a ser preenchidas no caminho para a igualdade. A escassez de bibliografia informativa relacionada com o tópico estudado é um fator que poderá estar na base do desconhecimento do mesmo e todas as questões que daí advêm.

Neste projeto, o estudo de uma obra que explicita informação relacionada com a realidade e saúde de pessoas *trans*, levou a uma reflexão sobre a realidade da comunidade LGBTI a nível nacional. Conclui-se que, apesar dos esforços desenvolvidos, ainda não se atingiu igualdade idealizada. Verificam-se ainda números alarmantes de crimes motivados pelo ódio contra pessoas LGBTI e relatos de desigualdades e maus tratos no acesso à saúde.

Relativamente à tradução em si, foram aplicadas competências adquiridas durante a componente letiva do Mestrado e todos os problemas tradutórios enfrentados foram estudados individual e cuidadosamente, de modo a produzir um trabalho rigoroso. Os principais problemas encontrados são do domínio da terminologia, os quais foram ultrapassados através de extensa pesquisa e trabalho de campo. Os restantes problemas, de cariz linguístico e cultural, foram igualmente contornados mediante o emprego de estratégias criativas de adaptação.

Através da tradução da obra *TRANS: exploring gender identity and gender dysphoria* de Az Hakeem, pretende-se disseminar informação que poderá ser valiosa num meio que carece da mesma. As aptidões adquiridas durante o Mestrado foram aplicadas de forma a produzir um trabalho que possa ter utilidade no mundo atual.

É importante considerar que o presente projeto se limita à tradução de apenas uma das cinco secções da obra. É possível que, mediante a tradução integral da mesma, fossem encontrados diferentes problemas e dificuldades de tradução, fosse explorada nova terminologia relevante para o tema em geral, e fossem alcançadas diferentes conclusões. É de salientar, também, que a amostra de resenhas analisada para o estudo da receção crítica da obra é consideravelmente reduzida e não constitui crítica profissional.

Espera-se que o presente projeto possa servir como ponto de partida para futuros desenvolvimentos e contribuir para o aumento de tradução de conteúdo LGBTI informativo para o português europeu, e até para a criação de obras originais portuguesas,

especificamente manuais ou obras informativas que possam ajudar pessoas *trans* na sua transição e promover o conhecimento da área entre profissionais de saúde e a população em geral.

Deseja-se que haja uma especial atenção à propagação de informação de confiança, sendo a tradução uma força importante para cumprir tal tarefa — de modo a promover a mitigação da injustiça e dos maus tratos sofridos pela comunidade LGBTI portuguesa. Pretende-se traduzir para incluir.

## 8. Bibliografia

Agnew, C. R., Thompson, V. D., Smith, V. A., Gramzow, R. H., & Currey, D. P. (1993). Proximal and Distal Predictors of Homophobia: Framing the Multivariate Roots of Outgroup Rejection. *Journal of Applied Social Psychology*, 23(24), 2013–2042.

Baer, B. J., & Kaindl, K. (Eds.) (2018). *Queering translation, translating the queer: theory, practice, activism*. New York, NY: Routledge.

Baker, M. (1992). *In other words: a coursebook on translation*. London: Routledge.

Baker, M., & Saldanha, G. (Eds.). (2011). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Abingdon, Oxon: Routledge.

Bassnett, S. (2011). *Reflections on translation*. Bristol: Multilingual Matters;

Bassnett, S. (2014). *Translation*. New York: Routledge.

Bennett, S. (2009). *Theatre audiences: a theory of production and reception*. London: Routledge.

Bermann, S. L., & Porter, C. (Eds.). (2014). *A Companion to Translation Studies*. Chichester: Wiley-Blackwell.

Brettschneider, M., Burgess, S., & Keating, C. (2017). *LGBTQ politics: a critical reader*. New York, NY: New York University Press.

Byrne, J. (2012). *Scientific and Technical Translation Explained: a nuts and bolts guide for beginners*. Manchester, UK & Northampton, MA: St Jerome.

Byrne, J. (2006). *Technical Translation: usability strategies for translating technical documentation*. Dordrecht: Springer Netherland.

Cavaco-Cruz, L. (2012). *Manual Prático e Fundamental de Tradução Técnica*. Independence: Arkonte.

Chesterman, A. (2016). *Memes of translation: the spread of ideas in translation theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Chesterman, A. (2017). *Reflections on translation theory: selected papers 1993-2014*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Chesterman, A., Salvador, N. G. S., & Gambier, Y. (Eds.). (2000). *Translation in context: selected contributions from the Est Congress, Granada, 1998*. Amsterdam: John Benjamins.

Chiang, H., & Arondekar, A. (2019). *Global encyclopedia of lesbian, gay, bisexual, transgender and queer (LGBTQ) history*. Farmington Hills, MI: Charles Scribners Sons.

Clima social em Portugal ainda é homofóbico e transfóbico, denuncia ILGA. *PÚBLICO* (2019, May 16). Consultado em 22 de janeiro de 2020 em <https://www.publico.pt/2019/05/16/p3/noticia/clima-social-portugal-homofobico-transfobico-ilga-1872877>.

Cronin, M. (2006). *Translation and globalization*. London: Routledge.

Deschamps, D., & Singer, B. L. (2017). *LGBTQ stats: lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer people by the numbers*. New York: The New Press.

*Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5* (2013). American Psychiatric Association. Arlington, VA.

Duarte, J. F. (2007). The Politics of Non-Translation: A Case Study in Anglo-Portuguese Relations. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, 13(1), 95–112.

Epstein, B. J., & Gillett, R. (Eds.). (2018). *Queer in translation*. London: Routledge.

*Estratégia de Saúde para as pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo – LGBTI. Volume 1 - Promoção da Saúde das Pessoas Trans e Intersexo* (2019). DGS. Consultado em 21 de janeiro de 2020 em <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/estrategia-de-saude-para-as-pessoas-lesbicas-gays-bissexuais-trans-e-intersexo-lgbti-pdf.aspx>.

Fischbach, H. (1998). *Translation and medicine*. Amsterdam: J. Benjamins.

Flor, A. (2019, October 26). ILGA Portugal renova direcção com aposta na saúde das pessoas LGBTI. *PÚBLICO*. Consultado em 22 de janeiro de 2020 em <https://www.publico.pt/2019/10/26/sociedade/noticia/ilga-nova-direccao-liderada-mulher-1891487>.

Flor, A. (2019, July 1). Médicos vão ter guia para atender utentes transgénero e intersexo. *PÚBLICO*. Consultado em 22 de janeiro de 2020 em <https://www.publico.pt/2019/07/01/sociedade/noticia/saude-lgbti-1878246>.

*GLAAD Media Reference Guide: 10th Edition*. (2016). New York, NY: GLAAD.

Goldberg, A. E. (Ed.). (2016). *The SAGE Encyclopedia of LGBTQ Studies*. Los Angeles: SAGE.

Grossman, E. (2010). *Why translation matters*. New Haven, CT: Yale University Press.

Hakeem, A. (2018). *Trans: exploring gender identity and gender dysphoria*. Newark: Trigger Press.

Hegarty, P. (2018). *A recent history of lesbian and gay psychology: from homophobia to LGBT*. London: Routledge Taylor & Francis Group.

Herek, G. M. (2004). Beyond “Homophobia”: Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research and Social Policy*, 1(2), 6–24.

Holub, R. C. (1992). *Crossing borders: reception theory, poststructuralism, deconstruction*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.

Holub, R. C. (1989). *Reception theory: a critical introduction*. London: Routledge.

ILGA recebeu 186 queixas por discriminação em 2018, que são apenas a “ponta do icebergue”. *PÚBLICO* (2019, June 28). Consultado em 23 de janeiro de 2020 em <https://www.publico.pt/2019/06/28/sociedade/noticia/ilga-recebeu-186-queixas-discriminacao-2018-sao- apenas-ponta-icebergue-1878051>.

Iser, W. (1997). *The act of reading: a theory of aesthetic response*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press.

Jauss, H. R. (2013). *Toward an aesthetic of reception*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Jeyasingham, D. (2008). Knowledge/Ignorance and the Construction of Sexuality in Social Work Education. *Social Work Education*, 27(2), 138–151.

Kussmaul, P. (1995). *Training the translator*. Amsterdam: J. Benjamins Pub. Co.

Landers, S., Kapadia, F. (2017). The Health of the Transgender Community: Out, Proud, and Coming Into their own. *American Journal of Public Health*, 107(2), 205–206. Consultado em 29 de janeiro de 2020 em <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.2016.303599>.

Lascotte, D. K. (2016). Singular They: An Empirical Study of Generic Pronoun Use. *American Speech*, 91(1), 62–80.

Maia, *et al.* (2016, February 21). O movimento LGBTI em Portugal: datas e factos. *ESQUERDA*. Consultado em 13 de dezembro de 2019 em <https://www.esquerda.net/dossier/o-movimento-lgbti-em-portugal-datas-e-factos/41315>.

Marston, K. (2015). Beyond bullying: the limitations of homophobic and transphobic bullying interventions for affirming lesbian, gay, bisexual and trans (LGBT) equality in education. *Pastoral Care in Education*, 33(3), 161–168.

Millán Carmen, & Marti, F. B. (Eds.). (2013). *The Routledge Handbook of Translation Studies*. Abingdon, Oxon: Routledge.

Montgomery, S. L. (2000). *Science in translation: movements of knowledge through cultures and time*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

Munday, J. (2016). *Introducing translation studies: theories and applications*. Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge.

Munday, J. (Ed.). (2009). *The Routledge Companion to Translation Studies*. London: Routledge.

Nolte-Schlegel, I., & José González Soler Joan. (2004). *Medical Dictionary/Diccionario de Medicina/Dicionário de termos médicos: english - spanish - portuguese/español - inglés - português/português - inglês - espanhol*. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg.

Nord, C. (2001). *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.

Nord, C. (2005). *Text analysis in translation: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Amsterdam: Rodopi.

Olohan, M. (2016). *Scientific and technical translation*. London: Routledge, Taylor & Francis Group.

Reiss, K., & Vermeer, H. J. (2015). *Towards a general theory of translational action: skopos theory explained*. (C. Nord, Trans.). London: Routledge Taylor & Francis Group.

*Relatório Anual de Discriminação Contra Pessoas LGBTI+ 2018*. (2019). Associação ILGA Portugal. Consultado em 23 de janeiro de 2020 em [https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/ILGA\\_relatorio\\_discriminacao\\_2018\\_jun19.pdf](https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/ILGA_relatorio_discriminacao_2018_jun19.pdf).

Robinson, D. (2012). *Becoming a translator: an introduction to the theory and practice of translation*. London and New York: Routledge.

*Sabemos o que somos. Pessoas* (2011). Associação ILGA Portugal. Consultado em 20 de janeiro de 2020 em <https://www.ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/sqs.pdf>.

*Saúde em Igualdade. Pelo acesso a cuidados de saúde adequados e competentes para pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans* (2015). Associação ILGA Portugal. Consultado em 20 de janeiro de 2020 em <https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/igualdadenasaude.pdf>.

Simon, S. (1996). *Gender in translation: cultural identity and the politics of transmission*. London: Routledge.

Sousa, I. (n.d.). O pioneirismo da Esquina Cor de Rosa: Entrevista com Jô Bernardo. *Korpus*, pp. 18-21. Consultado em 28 de janeiro de 2020 em [https://web.archive.org/web/20070611072339/http://jobernardo.no.sapo.pt/sobre\\_mim/entrevistas/ent\\_korpus\\_1.htm](https://web.archive.org/web/20070611072339/http://jobernardo.no.sapo.pt/sobre_mim/entrevistas/ent_korpus_1.htm).

*Standards of Care for the Health of Transsexual, Transgender, and Gender Nonconforming People*. (2011). 7th Version. World Professional Association of Transgender Health. Consultado em 29 de janeiro de 2020 em <https://www.wpath.org/publications/soc>.

Stryker, S. (2006). *The transgender studies reader*. London: Routledge.

Stryker, S. (2017). *Transgender history: the roots of today's revolution*. New York, NY: Seal Press.

Stulberg, L. M. (2018). *LGBTQ social movements*. Cambridge: Polity.

Tin, L.-G., Redburn, M., Michaud, A., & Mathers, K. (2008). *The dictionary of homophobia: a global history of gay & lesbian experience*. Vancouver: Arsenal Pulp Press.

Vincent, B. (2018). *Transgender health: A practitioner's guide to binary and non-binary trans patient care*. London: Jessica Kingsley.

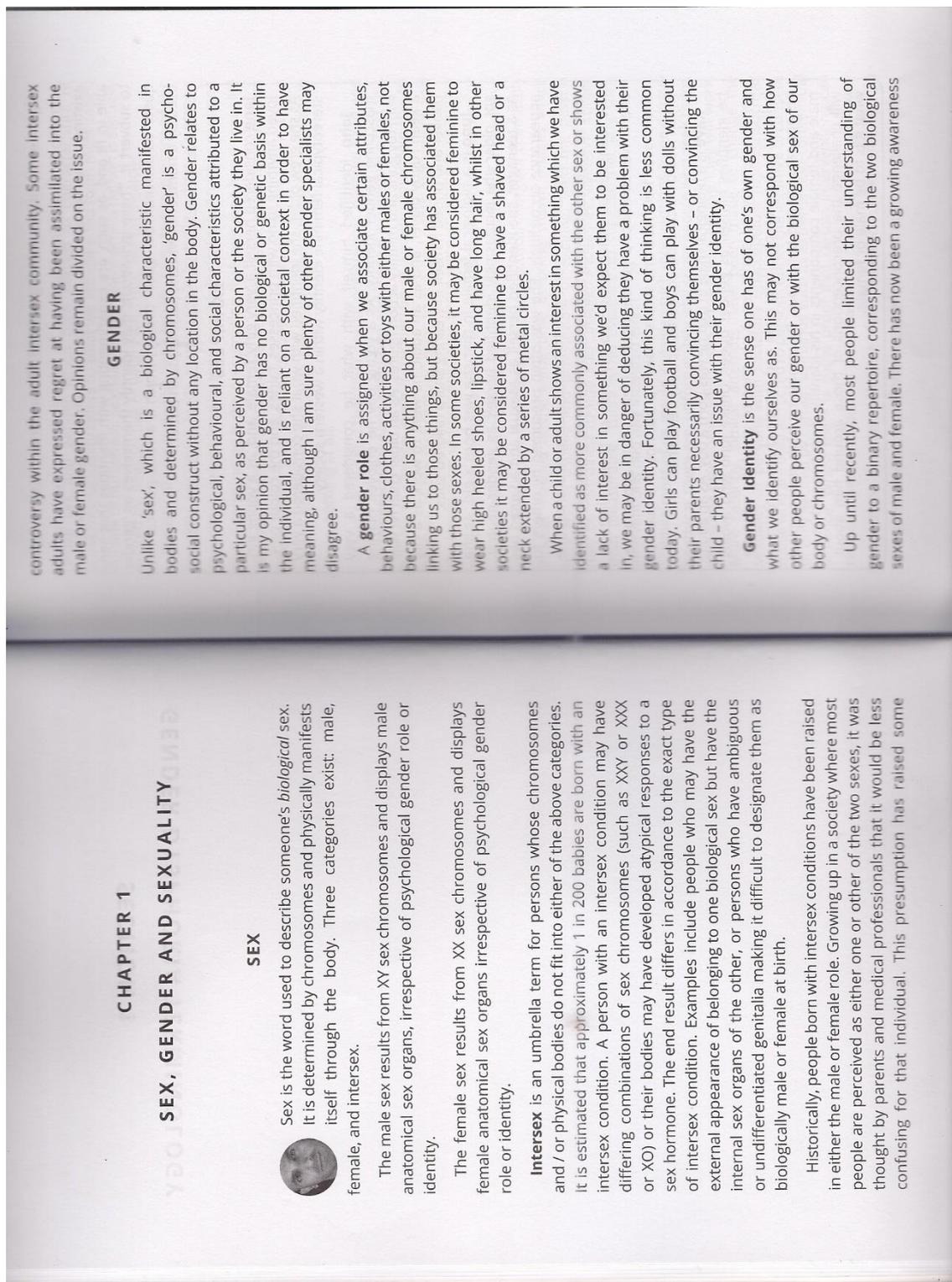
Williams, J., & Chesterman, A. (2002). *The map: a beginner's guide to doing research in translation studies*. Manchester: St. Jerome Publishing.

Wolf, S. (2017). *Sexuality and socialism: history, politics, and theory of LGBT liberation*. United States: Haymarket Books.

Wright, S. E., & Wright, L. D. (Eds.). (1993). *Scientific and Technical Translation*. American Translators Association Scholarly Monograph Series, VI. Amsterdam: John Benjamins.

## 9. Anexos

### Anexo 1: Secção 1 da obra *Trans: exploring gender identity and gender dysphoria* (2018) de Az Hakeem



of gender identities existing outside of the binary male / female framework. Increasing numbers of people do not feel that the existing male / female framework is one in which they are able to be able to fit and, as such, are experimenting with identities that serve to subvert it. These individuals may identify themselves as 'gender-queer' as derived from 'queer theory', which is a socio-political term used by a number of writers, such as Judith Butler.

### EXAMPLES

**Jane** considered herself a 'very girly' female, and, as a young girl, loved anything to do with princesses, fairies, and the colour pink. As she grew older, she identified with what she considered a very stereotypical feminine identity within a western society.

**John** identified himself with what he considered a very masculine gender identity. As a young boy he enjoyed playing with toy guns and military action figures. As an older child he was a keen rugby player, and as an adult, he went to work as a city banker and prided himself in wearing sharp tailored suits.

**Juno** is a biological female in that she was born a girl. As she got older she increasingly identified herself as gender-neutral. As a teenager, she identified herself as asexual and adapted her appearance accordingly. She was often presumed by others to either be a 'goth' or a 'punk' due to her unique appearance. She tries to avoid conforming to gender stereotyped attributes which she identifies as either being strongly male or female. Instead, she strives to adopt a gender-neutral identity and appearance. She shaves her head and wears make up but not in a manner which would be considered stereotypically 'feminine'.

**Xave** is a biological male in that he was born a boy. As an adult, he identifies himself as gender queer. Unlike Juno who avoids gender-stereotyped attributes, Xave tries to combine what he believes to be stereotypically male and female characteristics in his appearance and behaviour. By combining both stereotypical male and female components in his identity, Xave hopes that he will challenge the preconceptions of those around him about what it is to be male or female.

### SEXUALITY

Unlike sex and gender which both pertain to characteristics of ourselves, sexuality refers to what we are attracted to (in most cases, outside of ourselves). Sexuality is essentially what a person is sexually excited by, irrespective of what / who they are themselves.

Statistically most people are sexually attracted to persons of the opposite sex which leads many people to believe that a person's sexuality is determined by their own biological sex. Another common misunderstanding is the presumption that everyone has a sexuality directed to either the opposite sex (heterosexual) or the same sex (homosexual, gay, lesbian) or both (bisexual). The reality is that a person may have a sexuality directed to almost anything or in some cases, nothing at all.

Most people find that their sexual preferences become fixed and unchangeable by early adulthood and there is no evidence that this is likely to change, even if the person or society would like this to happen. In the last century, prior to the gay rights movement and the legalisation of homosexuality, there were attempts to change a person's sexuality via various means, including aversion therapy or psychotherapy. Many years ago, it was thought that if an aversive stimulus was given to someone, e.g. an electrical charge or chemically induced nausea at the same time as being shown images which they would usually find pleasurable or exciting, then the person may be re-trained to find such images / ideas as "aversive" rather than pleasurable. There is no evidence to suggest that any such interventions had any intended effect.

While most of us would consider such interventions to be grossly unethical, there are, unfortunately, still some people who seek them, and some psychotherapists who erroneously believe they will work. More recently, similar attempts have been made to change the sexuality of persons with societally unacceptable desires, such as those who are only attracted to persons under the legal age of consent or only excited by certain scenarios such as extreme non-consensual violence. Whilst there is some proof that certain interventions can reduce a person's libido or their likelihood of acting out such sexual acts, there is scant evidence that therapeutic interventions can change their sexual preference once it has become set as an adult.

While sexuality is usually directed towards another person, some people may instead be stimulated by 'things' or concepts instead. Examples include people who are primarily sexually excited by animals, cars, violence, captivity, asphyxiation, and other scenarios which may or may not involve other persons.

Some individuals are primarily sexually attracted to clothing which they associate with the opposite sex (fetishistic transvestites) or with the imagined concept of themselves as having bodily parts associated with the opposite sex (autogynaephilia in men and autoandrophilia in women). Both of these conditions will be described in more detail later in this book.

Some individuals are not sexually attracted to either males or females, but as they have never experienced sexual attraction to another person, they may not be aware of its absence. This is similar to a person not realising that they are colour-blind if they have never had the experience of perceiving colour. A person may physically go through the mechanical motions of sexual intercourse without experiencing either excitement or aversion. As they are capable of going through the motions of sexual intercourse, achieve physical orgasm, and reproduce, they may be mistaken by others, including their sexual partners, as having a particular sexuality. However, the absence of any internally experienced erotic desire differentiates them from those with a sexual desire associated with the actions they are able to mechanically fulfil. Such individuals may be asexual and without any sexual desire or have sexual desires directed towards non-person related areas.

### EXAMPLE

**Michael** is a 34-year-old male. He has never been overly interested in having sex with either men or women. He could not really get what all the fuss was about when he and his friends were going through puberty and everyone else seemed to be very excited about their newly discovered sexualities. Michael has never had any sexual fantasies about men or women. While Michael is not particularly sexually aroused by either men or women, neither is he particularly revulsed by the idea of sex with people either.

He met Mandy in his late twenties. All his friends were getting married and Michael found that his friends were less available to hang out with him. Mandy immediately got on well with Michael. He was handsome, fun to be around, and they shared similar interests. Mandy and Michael started a relationship and later got married and had two children together. Michael is able to physically have sex with Mandy although he is not particularly into it, he is not averse to it either. He has sex when Mandy wants to, as he is aware that is what Mandy wants. As Michael is married to a woman and has produced children from their sexual activity together, everyone presumes that Michael is heterosexual. However, while Michael has physically managed to function in a heterosexual manner, the complete absence of sexual interest and arousal suggests that Michael is actually asexual rather than heterosexual.

They may be living in a cross-gendered sex role and / or taking hormones but have not had genital or breast surgery.

#### EXAMPLE

**Justin** was born male. In his twenties, he increasingly identified with a female gender role. When he was 29, he decided to live in the female gender role and changed his name to Justine. Justine's preference is to be referred to by female pronouns. She wears her clothes, hair, and make-up in a manner which she identifies as being feminine, and requests that others treat her as a female. Justine is considering whether to have female hormones and / or surgery in the future, but is undecided as to whether to proceed. Justine considers herself as a pre-operative trans female at present.

The term **post-operative transsexual** refers to someone who has had surgery to remove or reduce the secondary sexual characteristics of their biological sex and may have had surgical procedures to enable them to have the appearance of the sex they identify as. Such operations may include:

- Orchiectomy, (commonly known as castration) the removal of testicles
  - Penectomy, removal of penis
  - Vaginoplasty, creation of a neo-vaginal space lined by penile skin and neo-vaginal labia from scrotal skin
  - Mastectomy, removal of breast tissue in women
- Other maxillofacial surgical procedures may be requested such as reduction of the 'Adam's apple' in men (cricoid cartilage reduction) and jaw / chin reshaping.

You can surgically adapt the body to have the appearance of the other sex, but we can never replicate the reproductive function. In other words, it is not possible for a man to be surgically changed into a woman who is then able to become pregnant or give birth. Neither is it possible for a female to be surgically transformed into a man who is able to produce sperm.

## CHAPTER 2

### TRANSEXUAL, TRANSGENDER, AND GENDER DYSPHORIA

#### TRANSEXUALITY

**Transsexualism** is the desire to live and be accepted as a member of the opposite sex, usually accompanied by a sense of discomfort with one's anatomic sex.



People identified or identifying as transsexual may have had gender reassignment surgery, cross-sex hormone treatment or may not want to have physical interventions such as hormones or surgery. The word transsexual indicates that there are bodily changes in relation to one's sex which the individual feels are needed due to a discordance with their experienced gender identity. While gender is absent from the term, a conflict between one's gender identity and physical sex are necessary for the condition.

Whilst many people in the world have rallied against societal gender stereotyping, it has been argued that central to the notion of transsexualism is a rigid adherence to perceived gender role characteristics, behaviours, and conventions, even if these correspond to a sex differing to one's biological sex. Such a slavish adherence is in an attempt to comply with perceived gender rules, to fit in and 'pass'.

Some transsexual persons identify themselves as transsexual and are comfortable with being identified as transsexual. Many prefer to be perceived as non-transsexual members of the sex with which they identify. This is referred to as 'passing' as a member of that sex. This may be preferred as it is considered to be safer than to be identified as transgender.

The term **pre-operative transsexual** refers to someone identifying as transsexual, but who has not had gender-reassignment surgery.

## EXAMPLES

**Alice** is a 50-year-old post-operative transsexual female. She was born male and spent the first thirty years of her life as Andrew, and was happy using male pronouns, prior to embarking on a gender role transition. Initially, Andrew was referred to a specialist gender identity clinic which supervised his gender transition. Firstly, Andrew lived full time in the female gender role, changed wardrobe, and legally changed name to Alice, which was reflected on her passport and all her documents. Having changed name, Alice's preference was to be referred to by female pronouns. After living full time in the female gender role, Alice was prescribed female hormones from the gender clinic. After another few years, Alice decided to have gender reassignment surgery. The surgery involved removal of the testes and penis and refashioning of the genital area into a vaginal-like space complete with a vulva made from what had been the scrotum. Artificial breast implants gave the appearance of female breasts. Further down the line, Alice had further surgery to her face and neck area to feminise her appearance, including removal of her 'Adam's apple' and softening of her jawline. Alice identifies as a post-operative male-to-female transsexual. She is aware that although she looks convincingly female, she will not be able to become pregnant as a born-female would, but happily accepts this.

**Paul** is a 40-year-old post-operative female to male transsexual. Paul was born a girl and lived as Pauline until she was 20. Like Alice, Pauline also attended a gender clinic which assisted her gender transition. Paul's transition also took place through a three-stage process (previously called 'triadic therapy'): living in the opposite gender role, followed by taking hormones, and then surgery. Paul was given male hormones which caused his voice to break, and led to the development of male-pattern body and facial hair, which Paul chooses to wear as a beard. Surgery involved removal of both breasts (bilateral mastectomy) and using tissue and skin from his forearm to fashion something which could look and function almost like a penis, as well as creation of a scrotum and

artificial testes. Whilst on close inspection Paul's new penis does not look or function exactly like a biological male penis and his artificial testes do not produce sperm, Paul is very satisfied with the result.

## TRANSSEXENDER

The use of the term 'transsexual' is increasingly being replaced by 'transgender'. Whilst the term 'transsexual' has a specific definition and had previously been used for diagnostic purposes, the term transgender is less defined and more encompassing. The term is perhaps more useful than transsexual in that it at least includes reference to 'gender' which is at the core of the condition and the person's relationship to it.

Both these terms contain the prefix 'trans', which implies a switching between two binary poles (male to female or female to male). While this has been mainly the case with transsexualism, it is increasingly common for persons identifying as transgender to have gender identities outside of the binary repertoire of male / female. (Hence the term 'non-binary'.)

Transgender persons may adhere to stereotyped male / female roles or they may subvert these in a creative manner, and identify as gendered outside of the binary framework. Such individuals may identify as non-gendered, inter-gendered or as transgender without attempting to assimilate (or 'pass') as either conventionally male or female.

**Cisgender** is the term increasingly used by those in the transgender community when referring to non-trans people, i.e. individuals without a gender dysphoria, whose gender identity corresponds with their biological sex at birth.

## GENDER DYSPHORIA

Gender dysphoria (from ancient Greek) means a sense of dissatisfaction or unhappiness with one's gender. One of the diagnostic guidelines for health professionals internationally is the DSM: The Diagnostic and Statistical Manual. The previous edition of DSM (DSM IV) used the term Gender Identity Disorder.

The newer edition (DSM V) replaces Gender Identity Disorder with the term 'gender dysphoria'. And it's proposed that the forthcoming ICD-11 will replace 'transsexualism' with the term 'gender incongruence'. This literally implies a gender identity which is not in accordance with one's biological sex, rather than necessarily an implication of what the gender identity is.

The other widely used classification system is the International Statistical Classification of Diseases and related Health Problems (ICD). In the most recent version of ICD, the ICD-10, the term 'Transsexualism' is used. The shift from using terms like "disorder" in the updated classification system are a welcome change for individuals who feel that "disorder" suggests a pathological description.

The changes towards gender dysphoria and gender incongruence will enable persons who are identifying with a different gender from their biological sex (but not necessarily the opposite sex) to be included. The previous diagnosis of transsexualism only encompassed people who identified with the opposite (binary) sex and nothing else.

The new updated classification will encompass those identifying as non-binary gender identities who do not fall neatly into the previous classifications.

#### EXAMPLE

**Craig** was born male and lived in the male role throughout his life. While he was married with children, Craig was not happy about being male and found it hard to identify with being male or with things which he perceived as being 'masculine'. He sometimes wished he was female but these feelings were stronger at some times than others. On some days Craig became very unhappy, and believed life would be much better if he was a woman, but these feelings lessened on other days. Craig did not think that changing his gender or sex would make him happier, and anticipated it would negatively impact on aspects of his life which he valued, such as his marriage, and family life with his children. He was also aware that his desire to be a woman changed from week to week and sometimes from day to day, and as such, he felt he was not interested in undergoing an irreversible 'sex-

change'. To all his friends and family, Craig was a typical male as he never talked about his unhappiness and confusion with his gender identity, and there was nothing to suggest anything other than Craig being male. Craig has a gender dysphoria which does not fit in with a typical transsexual framework. As such, gender reassignment interventions such as hormones and surgery are not suitable options for him. Craig was referred to specialist therapy for people with atypical gender identity conditions which he found very helpful, especially as it was in a group setting with others who also had atypical gender identities / gender dysphoria of differing types.

**Gender non-conformity** may or may not be perceived to be a problem either for the gender non-conforming person themselves or for the society in which they live. It does not necessarily result in any suffering, and may be part of a creative act of subversion to a perceived social framework or convention.

A common feature of the accounts given by transgender persons is a sense of not fitting in with perceived 'norms' or expectations for their biological sex. Frequently cited examples include boys playing with dolls and preferring games with girls rather than the 'rough and tumble play' of other boys. Similarly, females may report the converse.

A sense of insecurity or under-confidence with regards to gender may result in some individuals coming to the conclusion that if they do not fit in with the perceived framework of gender, then something must be wrong with them. They believe that this could be rectified by correcting something about themselves. To put it simply: 'if I don't fit into the mould of what it is to be a boy, it must mean I should have been a girl.'

Clearly there are a great many people who do not fit this description. The above is clearly an over-simplification (to illustrate a point) I have seen a great many people whose gender dysphoria is related to a lack of confidence relating to fitting in with the perceived framework. However, there are a great many people who are creatively challenging the confines and boundaries of the perceived frameworks in a way they find they can optimally express their own sense of personal

identification. So for these people, rather than lacking confidence in gender frameworks, they have a prominent sense of confidence – and would not fit into the example I've described. On the other hand, a more gender-confident person who similarly finds that they do not fit in with a perceived gender framework, instead arrives at the conclusion that rather than the problem being located within them, it must be inherent to the framework of gender. They may be confident enough to flaunt the flawed framework in a manner which challenges our understanding.

Frameworks (such as gender) are after all only a hypothetical way of organising our world. If one does not fit into the framework, then it is a reflection of the limitations of the framework, rather than a defect of the person. Examples of such gender confidence include David Beckham and his reappropriation of the male earring and sarong, and the rise of *metrosexualism*. The metrosexual male questions the perceived framework of what is considered 'male' or 'female' in terms of clothing and grooming, while preserving their masculinity and male gender identity.

This is not to say that there are not transsexual people who are not able to subvert perceived gender expectations. Many gender confident trans people will choose to purposely adopt characteristics that they may perceive as belonging to different and mutually conflicting gender presentations in order to challenge what it means to be male or female, e.g. adopting a female presentation while retaining an Adam's apple, or retaining a deep voice. And there is an overlap here with the concepts of being gender queer.

#### EXAMPLE

**We've already talked about Xave.** He was born a male but later increasingly identified as gender-queer as he didn't feel he could identify with a binary gender framework. Xave feels that conventional interpretations of gender are limiting and does not feel the need to confine or restrict himself into pre-determined boxes or categories. Rather than feeling troubled or confused, Xave feels very comfortable in his own identity and is able to confidently experiment with societal stereotypes of gender in a creative manner. While Xave does not feel confused in himself, he aims to instil a degree of confusion in those around him with

his appearance and self-presentation. He hopes to make others think about what they had previously taken for granted in terms of what it is to be male or female. In contrast to a person with gender dysphoria who may be troubled, unhappy or confused with their sense of gender, Xave has enough gender confidence in his gender-queer identity to playfully and creatively subvert his gender expression towards others.

### THE RELATIONSHIP BETWEEN SEXUALITY AND TRANSEXUALITY

Although the term transsexuality contains the suffix 'sexuality', it is not a type of sexuality. Transsexuality or Transgender is a condition of gender identity, but how do the concepts of sexuality and transgender relate to each other?

As mentioned, all evidence suggests that a person's sexuality is generally fixed by the time early adulthood is reached, and is unlikely to change or be changed. Most people who undergo sex-reassignment to change their gender will find that their sexuality (or what they are sexually attracted to) will most probably not change, even post transition (although there are no hard and fast rules about this). So a heterosexual male who is sexually attracted to females will most probably continue to be sexually attracted to women after he has transitioned into a male-to-female transsexual, making him a transsexual female lesbian. A homosexual male sexually attracted to other males will continue to be sexually attracted to males after he has transitioned to become a male-to-female transsexual who is now heterosexual in sexual orientation. The important thing to note is that what the person finds sexually exciting does not change. But if his or her own sex / gender has changed, then the term given to that sexuality will change. In short, the term given to the individual's sexuality changes in response to the change in the person's own sex, even though the actual sexuality (source of attraction) does not change.

Some individuals living the gender role which matches their sex at birth, who are sexually attracted to others of the same sex may refuse to identify as homosexual or gay. This is the case in only

a small proportion of transgender people. When I have met such patients in clinical practice and asked them in their pre-transition state why they did not identify themselves as homosexual / gay despite being sexually attracted solely to members of the same sex, the most common reply was that they felt they had 'nothing in common with' or were 'unable to identify with' members of the gay community.

Of course, homosexuality is a descriptive term that is used when the sex of persons to whom one is sexually attracted corresponds with one's own sex. But the responses of people given above indicates an assumption of other meanings or attributes to being homosexual (possibly relating to presumed associations with a lifestyle or perhaps moral connotations associated with homosexuality) which there is some resistance to being identified with.

As described earlier, there are some people who are neither sexually attracted (nor sexually averse) to either sex but who may be able to mechanically go through the motions of sexual intimacy. Such individuals may feel a close friendship or degree of platonic intimacy with their partner whom they find attractive. However, erotic attraction is absent, as is sexual revulsion which may be associated with sexual activity without erotic attraction. Sexual activity may take place in order to meet the expectations of the partner or of social convention. A person who is technically asexual in relation to other people may either have a completely absent sexuality or a sexuality that is not directed towards other people.

Examples may include the man whose primary sexual fantasy and preoccupation was of himself either dressed in women's clothes (*fetishistic transvestite*) or having female sexual organs or bodily parts (*autogynaephilia*). If such an individual also happened to undergo gender reassignment then their absence of erotic attraction for others would, of course, continue to be absent. However, in the same way that before their gender reassignment they could mechanically go through the motions of a sexual relationship, they may continue to be able to do that – only this time they may choose to do it with a partner of the opposite sex to their new reassigned sex.

As a result, it would initially appear that they had experienced a change in sexuality post gender-reassignment, but the reality for such asexual individuals is that their sexuality has not changed direction. It continues to be absent in relation to either sex, despite the person managing to go through the mechanical process of sexual intercourse with their partner, sustaining a relationship and maintaining the semblance of a sexuality. This is of course only applicable to a sub-population of the people I have assessed in clinical practice. There are many who would not identify with this description at all, and for whom it may be unfathomable to maintain the semblance of a sexual relationship in the absence of any strong feelings of sexual attraction.

Thus, the source of sexual interest (if any) is unlikely to change following gender reassignment. However, the extent of sexual desire experienced may well reduce. In biological males, the sex drive, also known as libido, is known to drastically reduce following castration. While reduction of sex drive and libido is not the reason for castration in gender reassignment surgery, it is to be expected in male to female gender reassignment, following chemical or physical castration. For many this is a side-effect of treatment which they are prepared to accept. Significant reduction or loss of sexual drive is an important consideration for biological males who seek gender reassignment for sexually driven purposes.

There is often diagnostic confusion amongst non-specialist clinicians, differentiating between those who are seeking gender reassignment due to a gender identity condition and those who are primarily sexually excited by cross-dressing (*fetishistic transvestism*) or the fantasised idea of themselves with female characteristics (*autogynaephilia*).

The sexual desire driving both these conditions will be significantly reduced or disappear following chemical or surgical castration, and as such, it is important to rule out whether a sexual impulse is the motivation for seeking gender reassignment. A biological male who has a physical sex reassignment for a purely sexually motivated purpose will experience a loss of libido, so that he no longer has any interest in having the transgender body he has now acquired. More detail will be given on both these sexually driven conditions later in this book.

The *trans* prefix of the word 'transvestite' gives an indication of the reliance of this activity upon a 'male / female' binary understanding of gender. Transvestism has little meaning when considered in isolation from the society in which it takes place. It relies on a degree of rigidity within that society as to what is associated with one gender or another. While the term transvestite only refers to the practice of wearing clothes usually associated with the opposite sex, it is helpful to consider differing types of transvestite with regards to the purpose of the cross-dressing.

Depending upon the intentions of the individual concerned, transvestism can be indicative of either a degree of rigidity with regards to the understanding of gender or conversely, of a creative and fluid expression of gender.

If the intention behind transvestism is to blend into society as a member of the opposite sex (referred to as 'passing'), then this suggests a reliance on a more rigid understanding of sex and gender. For such persons, to be perceived as a member of their biological sex instead of 'passing' may be considered a highly unwanted outcome. These individuals may lack confidence in their sense of gender identity.

#### EXAMPLE

**Brian** was born male and lived as a man with friends who only knew of him as being male. Brian knew he was a man and did not identify himself as female and had no wish or desire to permanently live as a woman. However, Brian did like to spend periods of time dressing up in clothes and make up which made him appear as female to others. The experience of being perceived as a woman when he was cross-dressed in public was very satisfying for Brian, although not in a sexual manner. Brian would go to great lengths with his clothes and make-up to try and look as convincingly female as possible. Brian was very scared of being perceived as either male or a transvestite whilst he was out cross-dressed and considered himself to be in 'stealth' mode.

## CHAPTER 3

### TRANVESTITES, CROSS-DRESSERS, AND DRAG QUEENS AND KINGS

#### CROSS-DRESSER



A 'cross-dresser' is a person who spends time adopting the external appearance, usually clothing, which they associate with the sex opposite to their own.

The term covers all forms of cross-gender dressing and does not imply any reason behind the behaviour. It does not necessarily mean that the cross-gender dressing is secondary to any gender identity, excitement (sexual or otherwise) or fulfilment of any urge to cross dress, although any of the above may come under this broad category. It includes the dressing in cross-gender clothing for purposes of theatre, comedy, and performance.

A transvestite is a type of cross-dresser, specifically a person who chooses to spend time dressed in clothing which they or their society perceives as being associated with the opposite gender to their own biological sex. I am not using the terms 'opposite sexed clothes' or 'clothes of the opposite sex' as such terms are inaccurate and misleading. Clothes do not of course have a sex or gender of their own. The decision as to whether a piece of clothing is associated with the male or female sex is determined by the person and their perceived consensus of the society they inhabit. A tartan skirt may be seen as 'feminine' in many contexts but may be considered 'masculine' when worn by men as a kilt. A pair of regular fit denim jeans may be perceived as female clothing if purchased from a women's clothing store or men's clothing if purchased from a men's store.

Transvestites may 'cross-dress' full-time or part-time, in which case they may also be referred to as 'dual-role transvestites', meaning that they live and dress in different gender roles at differing times.

For others, the intention may not be to 'pass' as a member of the opposite sex. In this instance, the aim is to challenge the presumptions of others with regards to gender. Such individuals may be more confident in their own sense of gender identity in relation to their biological sex, and their cross-dressing serves as a creative or socio-political statement and challenge to those around them. There are several well-known entertainers and performers who are confident in their biological sex and gender role, whose use of cross-dressing serves to challenge the preconceived notions that society may have regarding gender, and especially binary gender rules, in a creative and thought-provoking manner.

#### EXAMPLE

**Derek** was born male, identifies himself as male and has no unhappiness or confusion relating to his sense of male gender identity. Sometimes when he goes out, Derek likes to wear full-length dresses, eye shadow, mascara, and lipstick combined with knee-length military-styled boots, and a moustache. He is not attempting to appear female. His chosen appearance is his way of challenging the preconceived gender associations he sees in society.

Another sub-category of transvestite may hope to be perceived as members of their biological sex in clothing usually associated with the opposite sex. Whilst this would be considered an unfavourable and humiliating outcome for other transvestites as described earlier, for this particular sub-group, the prospect of the humiliation from not 'passing' is the primary source of masochistic pleasure. Unsurprisingly, the masochism is the primary feature here (as part of a sado-masochistic sexuality) and the cross-dressing is merely the means by which such humiliation and masochism may be achieved.

#### EXAMPLE

**James** was born male and identifies himself as male and has no desire to live as a woman or be identified as a woman. James experiences pleasure at cross-dressing in women's clothes in public with the intention of being perceived as a man in women's clothing. The aspect of the process which James finds fulfilling is the humiliation. Unlike transvestites who go to great lengths in order to be in 'stealth' and 'pass' as a woman, James goes to great lengths in order to achieve humiliating discovery and not 'pass'. James found that by walking past schools around closing time he experienced the most humiliation, which he found both terrifying and exhilarating at the same time. Apart from his transvestism, James also derives masochistic pleasure from other activities including bondage and sado-masochistic sexual activities with others into the 'BDSM' scene.

### FETISHISTIC TRANSVESTISM

A fetishist is someone whose sexual desire is derived from an inanimate object (such as shoes), a non-genital body part (such as feet) or an activity not usually associated as a sexual activity (such as sneezing or cooking). 'Fetishistic transvestism' refers to persons who dress in the clothing they associate with the opposite sex in order to achieve sexual excitement.

Cross-dressing can be a source of sexual excitement in different ways. For instance, there are differences in the extent to which the activity is sexually exciting, ranging from those who engage in cross-dressing once in a while to spice up their relationship, to those whose sole sexual preoccupation is cross-dressing, and who are unable to achieve sexual arousal or orgasm unless cross-dressed. The latter may find it harder to form lasting or meaningful intimate relationships with another person because their main source of sexual excitement is not their partner, but themselves, while cross-dressed. Any partner takes on the role of an accessory to this activity.

**EXAMPLE**

**Jack** was born male and identifies himself as male. He is heterosexual and enjoys a varied sex-life with his wife. Sometimes Jack enjoys wearing his wife's clothes during sex and his wife facilitates this. Jack is able to enjoy sex when there is no element of cross-dressing and it is not required for him to perform sexually. As such it only happens on some occasions.

**Geoff** was born male and identifies himself as male. Geoff is a fetishistic transvestite and finds sexual arousal and excitement by cross-dressing, either alone or going out in public cross-dressed. All of his sexual fantasies involve himself dressing in women's clothing.

He is able to have sexual relationships with women but the only source of sexual arousal for Geoff is wearing women's clothing. In relationships with women, Geoff waits a few weeks into the sexual relationship before he suggests to his partners the idea of him wearing some form of women's clothing during sex. Usually his partners find this initially amusing and intriguing. Some even see it as exciting. After a period of time, Geoff usually insists on wearing women's clothing during sex and his partners find that what was at first an unusual novelty has become something which no longer interests them.

They also notice that during sex, Geoff seems far more excited and aroused by his own cross-dressing than he is by his partner who begins to feel secondary. As a result, Geoff's relationships have only been short-lived to date, which is frustrating for him.

For some fetishistic transvestites, the main source of sexual excitement is the clothing itself, rather than the wearing of the clothes on their body. This category may be further sub-divided into those who are sexually excited by whole garments, and those who are sexually excited by the material, such as the texture of the fabric. Others are excited by the feeling of the fabric against their bodies. Commonly cited is the feel of nylon tights against the skin of their legs. What I also noticed from my clinical work was that each person was usually consistent in terms of which component they found sexually arousing.

**EXAMPLE**

**Clive** is a 58-year-old biological male who has had an avid interest in women's stockings and hosiery since his adolescence. He remembers his mother's stockings from his childhood, and how she would pull them up over her legs as she was getting ready in the morning. As a teenager, he tried on his mother's stockings and found himself getting sexually aroused by this. The texture of the hosiery against his skin, and the sound and feel of the stocking as he pulled them over his legs became a source of sexual arousal for Clive, and remains his main source of sexual excitement to this day.

**Table 1: Differing types of fetishistic transvestism (more than one may apply in any individual)**

Cross dressing as a source of sexual excitement in addition to other sources of non-fetishistic sexual excitement
Cross-dressing as the only source of sexual excitement
Aspects of the clothing fabric causing sexual excitement
Specific items of clothing causing sexual excitement
Sexual excitement derived from the feel of the clothes upon the skin whilst wearing them
Sexual excitement from the fantasy of themselves as members of the opposite sex while cross-dressed
Sexual excitement from the idea of themselves as a member of their biological sex (i.e. being a man) wearing clothes associated with the opposite sex (women's clothes).
Sexual excitement derived from being perceived by others as a member of the opposite sex 'passing' while cross-dressed.
Sexual excitement derived by the risk element of either 'passing' or 'not passing'
Sexual excitement from the prospect of being humiliated for being perceived as wearing clothing associated with the opposite sex whilst out in public (a form of masochism).

Moving the focus away from clothes and towards the person, the next category of fetishistic transvestite is those for whom the physical act of cross dressing facilitates a sexual fantasy relating to themselves as an individual or how they perceive themselves. For some it facilitates a fantasy of themselves as a member of the opposite sex, which is the source of sexual excitement. For these individuals there is an overlap with *autogynaephilia* and *autoandrophilia*. The terms will be explained later in this section.

#### EXAMPLE

**Daniel** is a 44-year-old biological male. He first started cross-dressing as a child in his mother's underwear when he was left home alone. As an adult, he continues to enjoy wearing women's underwear especially underpants, stockings and garters. He stands with his back to a mirror and then peers over his shoulder at the reflection of his back.

By doing this, Daniel is able to see an image of himself from behind in women's underwear, without any evidence of his male chest or genitalia. In this way, he is able to fantasise about himself being a woman, which he finds sexually arousing. While his sexual arousal and masturbation takes place at the front of his body, this is out of view of the image in the mirror and Daniel can keep this separate from the image he is being aroused by.

However, for others, it may be the opposite. The intention behind the cross-dressing may be to reinforce the appearance of an individual's biological sex. An example of this is the man who overcomes his perceived feelings of inadequacy in his male gender role through cross-dressing. He finds that dressing up in 'women's clothes' makes him appear 'obviously male' which not only reassures him but becomes a source of sexual satisfaction and reward.

'Cross-dressing' is of course something which men or women may do. Clothing which we may identify as 'feminine' may be more clearly identifiable as such, whereas clothes which we may associate as typically 'masculine' may be less clear. For example, a woman wearing a 'trouser suit' may be less conspicuously challenging a gender-barrier than a man in a dress. As such there may be a greater

flexibility for the woman who may derive satisfaction from feeling that she is, to some extent, adopting a 'masculine' wardrobe whilst managing to be less conspicuous. So whilst cross-dressing occurs in men and women, we do tend to notice it more in men.

#### EXAMPLE:

**Cecil** is a 29-year-old biological male. He knows he is male and identifies as a male. As a young child, he was bullied at school for having a frail build and not being very interested in playing with other boys. The other children called him 'gay' although Cecil knew that he was not interested in boys sexually. Other children taunted him with names such as 'Big Girl's Blouse' or 'Nonce'. Cecil developed a degree of insecurity as to how others perceived his gender. Cecil has never had much facial hair but as an adult preferred to let his stubble remain. On occasions, he likes to go out in public wearing a women's dress with short sleeves to show his hairy arms, and a short hemline to reveal his hairy legs. When he is wearing the dress in public, the intention is not for him to 'pass' as a woman, but in fact the opposite. Cecil aims for those around him to identify him as a man in a dress and as such, 'definitely a man'.

Cecil not only finds this process of reaffirmation of his male gender a relief, but over time, it has also become sexually exciting for him.

Shifting into the interpersonal arena, the next categories of fetishistic transvestites derive sexual excitement from the effect their cross-dressing has on others who are able to observe it. For some, the excitement may come from 'passing' as a member of the opposite sex whilst cross-dressing in public. Their satisfaction stems from the idea that, in the mind of another person, they existed as a member of the opposite sex, even if only briefly. For others, it is the risk element of whether or not they successfully 'pass' which provides an adrenalin rush, which itself becomes sexually arousing.

During the 1970s, psychoanalyst, Mervyn Glasser suggested that the cause of excitement in males with fetishistic transvestism came from a sense of triumphing over a mother whom had been

experienced as claustrophobic and smothering during childhood. He hypothesised that after a lifetime of feeling unable to get away from an ever-present and controlling maternal figure, the adult male found a physical way of mastering his childhood claustrophobia by literally *putting her on and taking her off at will*, as represented by women's clothing. His implication was that this new-found sense of symbolic control over the mother is such a relief that the excitement derived from this triumphant activity becomes sexually exciting.

Such an idea has appeared as the basis of many a novel and film, and is used in Alfred Hitchcock's *Psycho* (1960), as well as in the film, *The Silence of The Lambs* (1991). This proposed model can certainly be seen in some fetishistic transvestites (and I have assessed numerous patients who have offered this formulation of themselves). It is, however, by no means a universal formula, and I hope this section has demonstrated the complexity and diversity of the phenomenon.

#### DRAG KINGS AND DRAG QUEENS

A drag queen is a man who, for the purposes of theatrical entertainment or comedy, adopts the external characteristics, clothing, and paraphernalia usually associated with the female gender, in an extreme and exaggerated manner. The clothing is flamboyant, the make-up excessive, and the overall appearance much larger than life.

A drag king is a woman who similarly dresses in the external clothing and paraphernalia associated with the male gender, often adopting marked stereotyped male gender themes such as the Wild West cowboy, lumberjack clothing, and prominent facial hairpieces.

It is important to distinguish how the concept of 'drag' differs from transvestism. While transvestism usually involves attempts by the individual to conform and comply with perceived gender roles, drag aims to challenge preconceptions regarding gender.

A male transvestite may adorn a wig and a dress in his attempt to blend in, because he believes that these are the domain of womanhood. A drag queen will adorn the same items with the intention of theatrically pointing out to the audience how these adornments alone do not make him a woman.

Judith Butler describes in her book *Gender Trouble* that it is almost as if the drag queen provocatively says to society 'so you think this looks feminine?' In the past, psychoanalysts have not differentiated between transvestites and drag queens / kings. Some have even gone so far as to suggest that they are an unconscious attack against the opposite sex.

I would disagree. I believe that drag is not aimed at members of the sex individuals are dressing up as, but rather as a communication to society itself. Drag intends to make a parody of what society believes to be the domain of either gender, in order to make us realise how tenuous and ridiculous such constructs are. The drag queen may have all the accessories and paraphernalia which society uses to determine femininity, but the result is not feminine at all. Drag is a creatively subversive performance, inviting the audience to question frameworks of gender. It is perhaps a contrast to the manner in which transvestism subscribes and conforms unquestioningly to such frameworks.

## CHAPTER 4

### AUTOGYNAEPHILIA: THE MEN WHO WANT VAGINAS



Autogynaephilia is a condition whereby a biological male is sexually excited by the fantasy of himself having female bodily characteristics. It comes from the ancient Greek **auto** (oneself) **gynae** (woman) **philia** (love of) = the love of oneself as a woman. The American-Canadian sexologist Ray Blanchard first described the condition in 1989. As with much that has been written regarding diagnostic complexity in transgender, the concept of autogynaephilia has been a controversial one. Many clinicians support it as a description that has relevance to some individuals, whilst some people voice strong objections to it. Autogynaephilia appears as a sub-category within transvestic disorder in the DSM V.

As with fetishistic transvestism, autogynaephilia is a sexually driven phenomenon. While female clothing is the source of sexual excitement in fetishistic transvestism, in autogynaephilia it is the fantasy of having female bodily characteristics. The autogynaephile may differ from the transsexual in terms of primary gender identity. Whilst the (biologically male) transsexual may identify with the female gender, the autogynaephile may identify themselves as male, but be sexually excited by the fantasy of having female bodily attributes, such as larger breasts or female genitalia. There may be an overlap with fetishistic transvestism in that cross-dressing may be employed in order to support the self-directed sexual fantasy of having a female body.

Some males fitting the description of autogynaephilia may be mistakenly diagnosed (by themselves or non-specialists) as being transsexual, and are then put forward for physical gender reassignment. The risk of genital gender reassignment surgery

in these cases is of loss of sexual libido following castration, with accompanying loss of interest in the neo-vagina installed in place of the previous male genitalia. Some individuals with autogynaephilia decide to keep their male genitalia, and opt to develop a feminine body shape and breast tissue via the use of cross-gender hormones. Such individuals have been referred to colloquially as 'she-males' in reference to the physical attributes relating to both males and females. While I have had patients who have identified with such a label, the term is understandably offensive to many.

### PHYSICAL GENDER REASSIGNMENT INTERVENTIONS FOR FETISHISTIC TRANSVESTISM AND AUTOGYNAEPHILIA: A CAUTIONARY NOTE

Transvestism, fetishistic transvestism, and autogynaephilia are often mistakenly confused with transgender. The individual concerned is aware that they have an interest in wearing clothes they associate with the opposite gender or a wish for female bodily characteristics. After some self-diagnosis and internet research they often presume that such preoccupation with clothing or the body of the opposite sex suggests that they are transgender, and they may present themselves to their doctor as such and request gender reassignment. Whilst transgender and physical interventions for sex-reassignment are widely known amongst doctors of all specialties, an awareness or knowledge of other diagnoses of fetishistic transvestism and autogynaephilia are usually only limited to specialists within the field: Part of the assessment process by specialist gender services is to determine the reason behind the person's request for physical gender reassignment.

Unfortunately, people sometimes choose to bypass specialist gender services, and shop for their own quick fix from a surgeon willing to offer gender reassignment surgery. I have seen a number of patients who were referred for psychotherapy following gender reassignment surgery, which they no longer wanted after it had been carried out. Many of these people had decided that they needed to have surgical gender reassignment, and booked it (usually privately and/or in a different country) only to regret the decision upon waking from the anaesthetic. All too frequently there is a history of a sexually

driven wish to change sex, secondary to fetishistic transvestism or autogynaephilia, but the libido driving this desire disappears after the castration component of gender reassignment. The end result: the person wakes up from the operation without any wish for the neo-vagina they now find in place of the male genitalia they once had.

#### **AUTOGYNAEPHILIA CASE EXAMPLE: MR X**

Mr X is a middle-aged, married man with children. He has an unremarkable male appearance and identifies himself as male. For many years, Mr X was aware of the sexual excitement he derived from fantasising about himself as a woman whilst cross-dressing, and his wife was aware of it too. At the beginning of their relationship, it would be incorporated into their sexual relationship by Mr X wearing paraphernalia he associated with the female gender, such as high heels or women's underwear. Mr X discovered 'she-male' pornography on the internet and spent increasing amounts of time looking at photographs of biological males who had a female body-shape and breasts but retained male genitalia or males with neo-vaginas. His arousal whilst viewing the pornographic material was linked to his fantasy of himself as having the breasts or vagina of a female. Mr X discussed these ongoing thoughts and fantasies with his wife. Together they concluded that as Mr X had fantasised about having a women's body for so long, he must be transgender, and his wife decided to support him in pursuing gender reassignment surgery.

Mr X decided not to go through a gender identity clinic in the public health system. It would have entailed a time-consuming process of living in the opposite gender role before cross-gender hormones, and then, eventually, the sex reassignment surgery. Instead, Mr X and his wife flew to the Far East where Mr X had booked himself in for gender reassignment surgery with a willing surgeon.

The surgical sex-reassignment surgery on Mr X's genitalia included castration and the creation of a neo-vaginal space. Immediately following his castration, Mr X lost his sexual drive and libido. He realised that despite his previous excitement at the prospect of attaining female-looking genitalia prior to his

surgery, he had never identified himself as being female, despite experiencing sexual excitement from the fantasy of being female. Afterwards, he developed a profound depression concerning his surgery.

Mr X continued to live in the male gender role and felt deeply regretful and ashamed about the neo-vagina he had in place of his previous male genitalia. He was referred for psychotherapy for his depression and confusion relating to his changed wishes regarding his body, gender, and sexual drives. Careful assessment at an earlier stage may have assisted diagnosis and prevented Mr X from choosing a surgical intervention, which was not appropriate to his particular gender presentation.

#### **AUTOANDROPHILIA**

Whilst autogynaephilia, as described earlier, is the fantasy of having female bodily attributes in a biological male, autoandrophilia refers to biological women who are sexually excited at the fantasy of having male bodily attributes.

## CHAPTER 5

### FEMALE TO MALE: FTMS / TRANSMEN



Just as some men believe that their lives would be better if they were female, so some women believe that they should have been born as male. Previous research has suggested that transgender is three times less common in biological women. One possibility that could contribute to the difference in prevalence is that, in many societies, it is easier for women to adapt their gender role in a more masculine manner than it is for males to adopt a more 'feminine' role. Women have been wearing trouser suits since the early 20th century and 'power women', 'tom-boys' and 'ladettes' blend more into our society without their gender identity coming into question in a way that men in dresses are not able to do quite so easily. It is feasible that for many women, the ability to adopt what they consider to be a more 'masculine' role whilst still occupying their female gender identity suffices, and for them there is no need for a more extreme or visible physical transition of gender.

For those who do decide that a change of physical sex is necessary, the physical means of bodily change involves hormones and surgery, as with male to female transsexuals. The addition of masculinising male hormones results in a deepening of the voice, coarser features, facial hair, and the possibility of male pattern baldness. Surgery may involve the removal of breast tissue via a mastectomy, removal of female reproductive organs, and for those who choose it, the creation of a neo-phallus to mimic the physical appearance of a penis.

Many female to male (FTM) post-operative transsexuals have little problem 'passing' as males at first glance. The masculinising effects of the male hormones, together with the frequent decision to retain facial hair, leaves scarce evidence of the underlying former female biological sex. This is in contrast to the male to female post-operative

transsexuals who often find that the addition of female hormones is not enough to mask the signs of masculinity, e.g. broad, coarse features, deep voice, and facial hair.

Whilst post-operatively, the genitalia of male to female transsexuals may be difficult to distinguish from that of a biological female at examination, this is not the case with FTM transsexuals. An artificially constructed phallus (phalloplasty) is made from either a tube of tissue re-distributed from the forearm area, or abdominal tissue, or (rarely) from back tissue. While the tissue is organised into a tube to physically mimic the appearance of a penis, some find that the end result lacks a convincing relationship to an actual penis although surgical techniques are being improved all the time. The tissue has no erectile function but some may opt to have a bendable stiffening insert or have a pump placed in the artificially created scrotum, whereby the neo-phallus may be manually inflated in order to erect. Due to the limitations of FTM genital surgery, in terms of appearance and functionality, many FTM transsexuals opt not to have phalloplasty. The masculinising hormones enlarges the clitoris, which is satisfactory for many FTM transsexuals.

Andrew Ives, a leading surgeon in gender reassignment surgery in Australia has provided a detailed account of both male-to-female and female-to-male surgical procedures and illustrations in chapter 14 of this book.

Anexo 2: Glossário de termos relativos à secção traduzida da obra selecionada

<b>Inglês</b>	<b>Português</b>	<b>Breve definição</b>
Asexual	Assexual	Pessoa que não sente atração sexual por outras pessoas
Autoandrophilia	Autoandrofilia	Desejo de possuir atributos físicos e comportamentais masculinos para satisfação sexual
Autogynaephilia	Autoginefilia	Desejo de possuir atributos físicos e comportamentais femininos para satisfação sexual
Bisexual	Bissexual	Pessoa que sente atração sexual por mais de um género
Cisgender	Cisgénero	Refere-se a pessoas cuja identidade de género equivale ao género que lhes foi atribuído à nascença
Cross-dresser	<i>Cross-dresser</i>	Refere-se a uma pessoa que faz <i>cross-dressing</i>
Cross-dressing	<i>Cross-dressing</i>	Ato de se vestir com roupa ou usar objetos associados ao sexo oposto
Drag king	<i>Drag king</i>	Pessoa que atua em <i>drag</i> masculino e personifica estereótipos de género masculinos
Drag queen	<i>Drag queen</i>	Pessoa que atua em <i>drag</i> feminino e personifica

		estereótipos de género femininos
Female	Feminino	Algo com qualidades ou atributos considerados como pertencentes às mulheres
Fetishistic transvestism	Travestismo fetichista	Pessoa que utiliza o travestismo por motivos de prazer sexual
FTM	FTM	Pessoa que transiciona do feminino para o masculino
Gay	Gay	Homossexual
Gender	Género	Conceito psicossocial relacionado com características psicológicas, comportamentais e sociais atribuídas a um sexo em particular
Gender binary	Binário de género	Classificação do género nas formas distintas e opostas de masculino e feminino
Gender dysphoria	Disforia de género	Sentimento de insatisfação e descontentamento com o próprio género
Gender identity	Identidade de género	Refere-se ao género com que a pessoa se identifica
Gender incongruence	Incongruência de género	Disforia de género
Gender non-conformity	Não conformidade de género	Comportamento ou expressão de género de alguém que não corresponde ao género que

		lhe foi atribuído à nascença
Gender reassignment surgery	Cirurgia de reatribuição sexual	Cirurgia na qual as caraterísticas sexuais ou genitais de um indivíduo são alteradas para as que são associadas ao género com que se identifica
Gender role	Papel de género	Conjunto de comportamentos associados a um género em particular
Genderqueer	<i>Genderqueer</i>	Termo geral para identidades de género não enquadradas no binário
Heterosexual	Heterossexual	Pessoa que sente atração sexual por indivíduos do género oposto
Homosexual	Homossexual	Pessoa que sente atração sexual por indivíduos do mesmo género
Intersex	Intersexo	Pessoa que desenvolve, naturalmente, caraterísticas sexuais masculinas e femininas
Lesbian	Lésbica	Mulher homossexual
Male	Masculino	Algo com qualidades ou atributos considerados como pertencentes aos homens
Mastectomy	Mastectomia	Remoção cirúrgica de tecido mamário

MTF	MTF	Pessoa que transiciona do masculino para o feminino
Orchidectomy	Orquiectomia	Remoção cirúrgica dos testículos
Penectomy	Penectomia	Remoção cirúrgica do pénis
Post-operative transsexual	Transsexual pós-operatório/a	Pessoa <i>trans</i> que foi submetida a cirurgia para remover as características sexuais secundárias do seu sexo biológico
Pre-operative transsexual	Transsexual pré-operatório/a	Pessoa <i>trans</i> que não foi submetida a cirurgia para remover as características sexuais secundárias do seu sexo biológico
Queer	<i>Queer</i>	Termo geral para designar qualquer pessoa que não seja cisgénero e heterossexual
Sex	Sexo	Descreve o sexo biológico de uma pessoa e é determinado pelos cromossomas, manifestando-se através do corpo
Sexuality	Sexualidade	Refere-se ao que atrai um indivíduo sexualmente, independentemente da sua própria identidade
Trans	<i>Trans</i>	Forma abreviada da palavra “transgénero”

Transgender	Transgénero	Pessoa cuja identidade de género não corresponde ao género que lhe foi atribuído à nascença
Transsexual	Transsexual	Pessoa que procura ou se submete à transição do sexo com que nasceu para aquele com que se identifica
Transvestite	Travesti	Tipo de <i>cross-dresser</i> que escolhe passar períodos de tempo a vestir roupas associadas ao género oposto
Vaginoplasty	Vaginoplastia	Criação cirúrgica de um espaço neovaginal

Anexo 3: Principais comentários sobre a obra *Trans: exploring gender identity and gender dysphoria* no website [www.amazon.co.uk](http://www.amazon.co.uk)

**Customer Review**

Sascha D.

★★★★★ **Daring and insightful exploration**

14 March 2018

Format: Paperback | **Verified Purchase**

Amazing book and important exploration on a hot topic that needs deciphering particularly in this day and age. It goes beyond what you might expect and turns up the heat on our actual definition of gender. What does it actually mean and the effects of the way we think are key themes of this incredibly interesting and thought provoking book. Beautifully written and masterfully explored it is a brilliant read and I thoroughly recommend opening your horizons with the wisdoms contained within. Great guide especially on the journey of any transformation, I was thoroughly captivated all the way through and really enjoyed all places it was taking me. A total must read in my books (no pun intended!)

5 people found this helpful

Helpful | Comment | Report abuse | Permalink

**Product Details**

TRANS: Exploring Gender Identity by Az Hakeem

★★★★★ 4.7 out of 5

20 customer ratings

5 star 85%  
4 star 7%  
3 star 0%  
2 star 8%  
1 star 0%

Add to Cart

**Customer Review**

penman

★★☆☆☆ **Misleading**

2 February 2019

Format: Paperback | **Verified Purchase**

I am very disappointed with this book. It contains a lot of useful information but it is not a balanced exploration of the subject. Dr Hakeem has bought into the ideology of 'gender mainstreaming', a product of a branch of radical feminism which states, with no empirical foundation, that gender is a social construct. He uses their pretentious and imprecise language when he writes such statements as 'Gender is a psycho-social virtual entity without location in a person's body' The decoupling of gender roles (partially learned but even then not entirely as an increasing body of evidence shows) from the traditional genders of female, male and intersex has led to a proliferation of 'gender' into 51 fictional subtypes which are a playground for narcissists and student extremists. Dr Hakeem seems somewhat surprised when The Royal Colleges Conference is cancelled because of these ideologues but does at least realise that genuinely trans people are not happy by their predicament being hijacked by opportunists for personal or political advantage. As a practitioner he takes no account of the current state of society and the use of social media such as Instagram to spread false perceptions and suffering amongst teenagers. We live in a time when obsession with identity has replaced the search for meaning but Dr Hakeem does not look into this and the consequent psychological impacts. Perhaps, most telling, is the inherent contradiction in looking at the genuine predicament of those suffering real gender dysphoria through the distorted lens of gender as a social construct. You can't have it both ways. Either Trans people are the products of psychosocial virtual reality or they have real psychological and physical problems which need addressing with compassion, understanding and appropriate treatment. I can well understand why many trans people are feeling additional threats generated by the totalitarian ideologues who pretend to represent them but expose them to additional vilification. By unwittingly accepting the postmodernist philosophy of such as Judith Butler (which has fuelled the mind set of the social justice warriors) Dr Hakeem, in spite of good intention, has failed in objectivity, and added to the confusion surrounding this controversial area. However, to be fair to him, he demonstrates a caring approach focussed on individuals and their needs which appears to override his partiality when it comes to gender theory.

9 people found this helpful

Helpful | Comment | Report abuse | Permalink

**Product Details**

TRANS: Exploring Gender Identity an... by Az Hakeem

★★★★★ 4.7 out of 5

20 customer ratings

5 star 85%  
4 star 7%  
3 star 0%  
2 star 8%  
1 star 0%

Add to Cart

Add to Wish List

## Anexo 4: Resultados de pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos

The image displays three sequential screenshots of the PORBASE website's search interface. Each screenshot shows a search bar with a specific keyword, a message indicating no results were found, and a spelling check warning.

**Screenshot 1:** Search term: **transgênero**. Message: "Não se encontram registos para: **transgênero**".

**Screenshot 2:** Search term: **transsexualidade**. Message: "Não se encontram registos para: **transsexualidade**".

**Screenshot 3:** Search term: **transgender**. Results found: **SOCIAL WORK PRACTICE WITH LESBIAN, GAY, BISEXUAL AND TRANSGENDER PEOPLE / ED. GERALD P. MALLON**. Metadata includes: AUTORES: Mallon, Gerald P., ed. lit.; EDICAO: 2, ed; PUBLICACAO: New York and London : Routledge, 2008; DESCR. FISICA: XVIII, 414 p. ; 22 cm; ISBN: 9780789033561; CDU: 364.44.3-055.3(73).

Pesquisar por:

**Pesquisar no Catálogo**

- por Autor:
- Pinto, Nuno Emanuel Branquinho Guedes Pinto
  - Moleiro, Carla, orient. tese
- por Título:
- Experiencing and rep...

**EXPERIENCING AND REPRESENTING TRANSEXUALITY : DEVELOPMENTAL TRAJECTORIES OF, AND SOCIAL REPRESENTATIONS ON, TRANSEXUAL PEOPLE / NUNO EMANUEL BRANQUINHO GUEDES PINTO ; ORIENT. CARLA MARINA MADUREIRA DE MATOS MOLEIRO**

AUTORES: Pinto, Nuno Emanuel Branquinho Guedes Pinto; Moleiro, Carla, orient. tese  
 PUBLICACAO: Lisboa : [s.n.], 2014  
 DESCR. FISICA: XVIII, 149 p. ; 30 cm  
 TESE: Tese dout. Psychology (Clinical and Health Psychology), Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE - IUL, 2014  
 BIBLIOGRAFIA: Contém bibliografia  
 CDU: 159.923-055.3(043)  
 316.47(043)  
 612.6.057(043)

Adicionar à lista

Ver formato UNIMARC | Link persistente deste registo | Exportar registo em ISO2709 | Exportar registo em MarcXchange

**Exemplares**

Biblioteca	Cota
BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL	S.A. 159619 V.

Assunto:   
 Email:

Pesquisar por:

**Resultado da pesquisa**

4 registos para: LGBT

Ordenar por:

Biblioteca:

Tipo de Biblioteca:

Região:

Tipo Documento:

Língua:

País:

1. Violência doméstica : boas práticas no apoio a vítimas LGBT : guia de boas práticas para profissionais de estruturas de apoio a vítimas / Carla Moleiro... [et al.]. Lisboa : Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2016. ISBN 978-972-597-414-8.
2. Grandes discursos sobre direitos LGBT em Portugal / org. e sel. textos Gonçalo Diniz. 1a ed. Lisboa : INDEX ebooks, 2016. ISBN 978-989-8575-75-3.
3. Discursos sobre bullying e homofobia na e da escola : que (im)possibilidades de cidadania para jovens LGBT? / Hugo Miguel Ramos dos Santos ; orient. Isabel Menezes, Sofia Marques da Silva. Porto : [s.n.], 2018.
4. Queer Quivo : arquivo LGBT Português = Portuguese LGBT Archive / coord. projecto André Murças. Lisboa : Um Marido Ideal, 2018. ISBN 978-989-20-8728-3.

Pesquisar por:

Não se encontram registos para:  
**disforia de género**

**Aviso:**  
 Check your spelling